

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

A Espetacularização da Violência:
uma análise sobre o comportamento da mídia em situações de crise

Juiz de Fora
Dezembro de 2009

Carolina Fagundes de São José

**A Espetacularização da Violência:
uma análise sobre o comportamento da mídia em situações de crise**

Trabalho de conclusão de Curso Apresentado
como requisito para obtenção de grau de
Bacharel em Comunicação Social na
Faculdade de Comunicação Social da UFJF.

Orientador: Prof. Dr. Potiguara Mendes da
Silveira Jr

Juiz de Fora
Dezembro de 2009

Carolina Fagundes de São José

A Espetacularização da Violência:
uma análise sobre o comportamento da mídia em situações de crise

Trabalho de conclusão de Curso Apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF.

Orientador: Prof. Dr. Potiguara Mendes da Silveira Jr

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 11/12/2009 pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Potiguara Mendes da Silveira Jr. – Orientador

Prof. Ms. Cristiano José Rodrigues (UFJF) – Convidado

Prof(a). Letícia Torres (UFJF) – Convidada

Conceito Obtido _____

Juiz de Fora
Dezembro de 2009

AGRADECIMENTOS

À Deus, às minhas mães, que foram as primeiras a ensinar que o estudo nunca pode ser roubado, e sim compartilhado. Agradeço-as pelo apoio incondicional nas etapas mais difíceis da minha vida, o que inclui as difíceis provas do vestibular. O exemplo de força que elas são para mim fizeram, e continuam fazendo, acreditar que é possível alcançar os objetivos e a nunca desistir da caminhada. À minha vó, que é mais uma das mulheres guerreiras da minha família e que é também uma mãe para mim.

Aos mestres, que ampliaram a minha visão de mundo e contribuíram na bagagem de conhecimento que irá me acompanhar para o resto da vida, em especial ao meu orientador. Aos técnicos dos laboratórios da Facom pela paciência diante das inúmeras perguntas.

E é claro aos amigos que são parte importante deste capítulo da minha história, levarei todos e “todas” para sempre comigo.

Esse voyeurismo coletivo faz com que a própria violência se torne uma espécie de espetáculo contínuo, ininterrupto. O ponto culminante desse processo de televisualização perpétua é a idéia de que a morte, talvez, possa ser feita “ao vivo”, em tempo real. Por isso também podemos dizer que a mídia tem, na sociedade moderna, o poder sacrificial, ou a capacidade de legitimá-lo. A derradeira forma de poder sacrificial é hoje, na modernidade, captada pela própria mídia.

Henri Pierre Jeudy, 1993

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o comportamento da mídia em situações de crise, especificamente em casos que envolvam violência. Ao longo deste estudo são descritos três casos que foram manchetes dos principais veículos de comunicação dos últimos anos no Brasil. Isabella Nardoni, Eloá Pimentel e em especial o caso do Ônibus 174 geraram polêmica no país não só pela atuação da polícia mas também pela cobertura dada pela mídia no decorrer dos acontecimentos. A espetacularização da violência, tema que intitula esta monografia, permeia todos os capítulos deste estudo, além disso, são apresentados outros temas que também fazem parte da cobertura sobre violência, tais como a escassez de profissionais especializados nas redações e as diferentes formas de tratamento dadas pela mídia a bandidos de classes sociais distintas. Portanto o propósito deste trabalho é demonstrar como as coberturas jornalísticas de situações de crise podem interferir no seu desfecho bem como apontar a transformação de notícias em espetáculos da vida real.

Palavras-chave: Violência. Mídia. Cobertura Jornalística

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 A BUSCA PELA NOTÍCIA.....	10
3 A VIOLÊNCIA NA SALA DE ESTAR.....	16
3.1 O CASO ISABELLA NARDONI.....	18
3.2 O CASO ELOÁ PIMENTEL.....	23
4 UMA TRAGÉDIA EM TRÊS ATOS.....	31
4.1 PRIMEIRO ATO: O MENINO DE RUA.....	31
4.2 SEGUNDO ATO: A CHACINA DA CANDELÁRIA.....	34
4.3 TERCEIRO ATO: O SEQÜESTRO DO ÔNIBUS 174.....	39
5 A ESPETACULARIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA.....	50
6 CONCLUSÃO.....	59
7 REFERÊNCIAS.....	62

1 INTRODUÇÃO

A palavra espetáculo está ligada a algo fictício, que tem por objetivo causar algum tipo de emoção naquele que o assiste. Ao buscar uma forma de atrair a atenção do público o jornalismo tem apelado para os mesmos recursos utilizados nas artes e nos espetáculos, daí se dá a espetacularização.

Nos últimos anos têm surgido casos de violência de grande repercussão no Brasil. Grande parte dos minutos nos telejornais diários são ocupados com temas deste tipo. Uma vez que a cobertura sobre violência está ganhando cada vez mais espaço dentro da mídia, o propósito dessa monografia é analisar o comportamento dos veículos de comunicação em situações de crise e a espetacularização deste tema nesses casos.

Em um primeiro momento serão apontados os atributos do que é notícia dentro do jornalismo. Posteriormente serão destacados três crimes ocorridos no Brasil cuja cobertura jornalística, na opinião de estudiosos da área de comunicação, deixou a desejar. Os casos Isabella Nardoni, Eloá Pimentel e Ônibus 174, tais como ficaram conhecidos na mídia, são os objetos deste estudo, entretanto, os textos aqui apresentados terão como foco principal o último caso citado.

Ônibus 174 tem maior destaque neste estudo não só pela repercussão que teve na época do ocorrido, mas também pelos aspectos sociológicos que foram descobertos durante o processo desta pesquisa. Embora as diferentes formas de tratamento dadas pela mídia a criminosos de classes sociais distintas não sejam o tema central deste estudo, é importante que haja essa discussão aqui no intuito de evitar que se cometam no futuro os mesmos erros observados no jornalismo que tem sido feito atualmente.

Posteriormente é levantada a possível transformação das notícias sobre violência em espetáculos da vida real. Tema que motivou a realização deste trabalho de conclusão de curso. A mídia será analisada de maneira que os valores da profissão do jornalista serão colocados à prova. Nos próximos capítulos serão comparados o que se vê na prática do jornalismo e os temas debatidos em na sala de aula, tais como o respeito ao público e às fontes, ouvir todos os lados de uma mesma questão, buscar sempre a objetividade e a imparcialidade, mesmo que esta seja uma tarefa impossível e sobretudo, não tratar a informação como mercadoria.

2 A BUSCA PELA NOTÍCIA

Quando alguém senta diante da TV para assistir a um telejornal, ou quando se abre as páginas de um jornal impresso, o que se espera do conteúdo são fatos novos, que tenham relevância dentro do cenário no qual aquela pessoa vive. É o que se espera de uma notícia; seja ela boa ou ruim, mas que traga novidade. É o que se ensina na faculdade de jornalismo, notícia tem que trazer dados novos, senão não é notícia.

A pedra bruta de todos os jornalistas são os fatos que lapidados, se transformam em notícias. Entretanto, nem tudo que ocorre no dia a dia pode assim ser considerado. Antes de ganharem as páginas de um jornal, ou os minutos na TV, os eventos ocorridos passam por uma análise que leva em consideração atributos tais como imediatismo, veracidade, universalismo, interesse e importância.

O imediatismo tem relação direta com o tempo, é a narração dos acontecimentos mais recentes ou que ainda estão em andamento no instante em que o repórter fala seu texto. Este é um dos atributos mais traiçoeiros da notícia. Em função da instantaneidade e da busca por noticiar os fatos em primeira mão, sem que aja uma apuração adequada, é que por vezes são divulgadas informações errôneas.

A veracidade é um dos pilares mais fortes do jornalismo. Um veículo de comunicação que se propõe a noticiar fatos não se sustenta publicando inverdades, do contrário, a massa de ouvintes, leitores e telespectadores, ávidos por informação, é subestimada. Em todo lugar onde há comunicação, o jornalista deve estar presente, este conceito sintetiza o que é universalismo. Fatos noticiáveis acontecem o tempo todo, em qualquer lugar, por isso o jornalismo é considerado uma das profissões mais estressantes atualmente. O turno de trabalho não se encerra quando o termina o jornal, o

radar para as notícias na cabeça do jornalista está ligado 24 horas por dia, sete dias por semana.

Interesse e importância, são atributos da notícia que mais tem a ver com a capacidade do repórter de reconhecer o que é relevante em termos de informação. No julgamento das informações o jornalista coloca na balança a bagagem de conhecimento adquirido por ele durante toda a vida e o interesse do público. Este é um dos pontos-chaves do estudo, pois, caso o jornalista se guie somente pelo interesse das massas, a qualidade do produto final é no mínimo medíocre, no sentido de refletir o que a média da população quer ver nas telas ou nas páginas de um jornal. O jornalismo é um dos lugares dentro da esfera pública no qual se forma opinião, é lugar de debate e de reflexão, entretanto, na busca pela audiência, muitos jornais têm recorrido à práticas que ferem este espaço.

De acordo com o escritor Luiz Beltrão(1969), em seu livro *Imprensa Informativa* para identificar a notícia dentro dos eventos ocorridos no cotidiano, o repórter analisa, além dos atributos anteriormente citados, critérios como “proximidade, proeminência, conseqüências, raridade, conflito, idade e sexo, progresso, drama e comédia, política editorial e exclusividade”.

Resumidamente, proximidade pode ser entendida da seguinte forma: Quanto mais próximo do fato onde ocorre a notícia o leitor está, mais importância ele dará a ela. A morte de dezenas de pessoas após serem atingidas por um Tsunami na Indonésia não tem a mesma carga emocional da notícia de diversas famílias perderem a vida no deslizamento de terras no sul do Brasil, prova disso é a mobilização de brasileiros de diferentes regiões do país com o intuito de ajudar as vítimas da catástrofe dos estados sulistas.

O que dita a proeminência de uma notícia é o valor que a sociedade dá a determinada pessoa, lugar, objeto, empresa, situação, cargo, enfim, qualquer que seja o foco da notícia. Por exemplo, se um sujeito desconhecido cai do cavalo durante um passeio matinal, não é notícia, entretanto, se o mesmo acidente ocorre com Príncipe Charles, é notícia nos principais jornais do mundo.

A repercussão dos fatos publicados está relacionada com o terceiro critério de identificação da notícia, as conseqüências. Ao privilegiar um fato em detrimento a outros tantos que e acontecem no dia a dia, o jornalista deve pesar o que a divulgação desta ocorrência vai acarretar na vida dos leitores ou telespectadores. A divulgação de fatos incoerentes com a verdade, ou até mesmo que prejudique alguém sem uma razão que justifique tal atitude, pode acarretar graves problemas inclusive para o veículo de informação. Um exemplo disso é o caso da Escola Base em 1994, matéria publicada por diversos órgãos informativos que denunciavam o abuso sexual de alunos das escola. Os donos e alguns funcionários da instituição de ensino chegaram a ser presos na época, entretanto não havia nada que comprovasse as denúncias, o caso foi arquivado. Diante do estrago, os acusados do suposto escândalo entraram com um processo judicial contra os jornais que publicaram a denúncia. A empresa Folha da Manhã e outros órgãos foram obrigados a pagar indenização, mas os danos materiais e psicológicos causados na vida das pessoas que foram alvo da notícia nunca serão reparados.

O que é estranho pode também ser usado como critério na avaliação dos fatos noticiosos, ou seja, a raridade tem a ver com tudo aquilo que foge do que é comum. Aí entram notícias como crianças que podem tocar Mozart aos quatro anos de idade, o nascimento de gêmeos siameses, aviões de passageiros sendo lançados contra

edifícios, ratos de laboratórios com orelhas humanas nas costas, enfim, tudo que sai do padrões de normalidade.

O homem é um ser político por natureza, isso quer dizer que ele sempre vai buscar o poder. Desde a disputa por um cargo melhor no ambiente profissional, até nas lutas mais banais de torcidas em uma partida de futebol. É neste ponto que surge o conflito, critério de identificação das notícias que têm sido usado exaustivamente como parâmetro nos últimos anos. A imprensa sensacionalista sabe que o choque entre torcidas, países, gangues, polícia e bandido, exército e traficantes, políticos, enfim, onde quer que haja divergência de opinião, serão vendidos muitos exemplares do jornal ou haverá o aumento na audiência no mesmo instante em que se transmita cenas de violência na TV. O conflito é alvo certo para o jornalista em busca de notícias.

Idade e Sexo, outro critério que serve como base para a identificação dos fatos noticiosos. Em seu livro, Luiz Beltrão (1969) atenta para acontecimentos que envolvam a mulher tais como a ascensão feminina no mercado de trabalho. O autor destaca o fato de muitas mulheres estarem ocupando cargos de chefia, entretanto, nos dias atuais, este quadro tem sido cada vez mais comum, o que diminui o aspecto de novidade típico da notícia. A idade é outro fator que auxilia no trabalho do repórter ao se deparar com um acontecimento. Por exemplo, o casamento de uma senhora de 82 anos de idade com um jovem de 25 na Argentina foi notícia até no Brasil, crianças prodígio sempre serão notícia, assim como pessoas que atingem uma idade avançada e continuam com o mesmo vigor físico que tinham quando jovens, senão o mesmo, pelo menos que possuam uma capacidade de memorização e de se exercitar fisicamente acima da média se tornarão, tal qual as crianças anteriormente citadas, notícia.

Progresso, esta palavra explica por si só a razão de ser usada como mais um critério na avaliação da notícia. A humanidade tem interesse em progredir nos mais diversos campos, seja nas ciências humanas, exatas, na medicina, ou até mesmo melhorias urbanas como, por exemplo, alternativas inteligentes para o problemas de engarrafamentos no trânsito das grandes cidades. Como Luiz Beltrão diz,

Tudo que contribui para o progresso material, social ou moral da comunidade e da humanidade tem valor jornalístico e desperta o interesse do leitor. (BELTRÃO, 1969, p. 90)

O que desperta o riso, e o que desperta o choro também é notícia. Tal qual o drama e a comédia no teatro, eventos que ocorrem no cotidiano das pessoas pode assim ser classificados. As mazelas sociais, assassinatos, catástrofes naturais, crianças famintas e abandonadas, famílias inteiras vivendo na miséria, enfim, fatos comoventes sempre irão chamar a atenção do público. Da mesma forma, notícias que provoquem riso, como por exemplo, na época do mensalão, escândalo político que envolvia membros do Partido dos Trabalhadores (PT), o irmão de José Genoino, então presidente nacional do PT, foi flagrado no aeroporto de Congonhas com R\$100 mil por debaixo das calças, informações como essa, no mínimo pitoresca, certamente chama a atenção do leitor ou telespectador.

A política editorial está relacionada com a orientação ideológica da empresa jornalística na qual o profissional de comunicação trabalha. A liberdade de expressão, tantas vezes debatida em sala de aula, é um direito do jornalista, mas é também cerceada pela linha editorial do jornal. Nunca existe somente um lado da história, e ao narrá-la, o repórter pode tender para o lado que mais convém ao jornal sem, no entanto, omitir informações. Seria ingenuidade acreditar que a imparcialidade existe, seria da mesma

maneira crer que são imparciais o conteúdo de revistas, telejornais, jornais impressos e internet e TV.

O último atributo da notícia a ser destacado aqui é a exclusividade, ou seja, é o que no meio jornalístico chama-se furo. Isto acontece quando um veículo, seja ele impresso, via rádio, internet ou TV, consegue ter acesso exclusivo à informações. Exemplo disso foi o vazamento das questões do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) ocorrido em outubro deste ano, alguém que estava envolvido com o roubo da prova tentou vender essa informação ao jornal O Estado de São Paulo. O editor do jornal denunciou o que estava acontecendo para a polícia, e publicou o fato antes de qualquer outro veículo. O furo pode ser considerado um dos aspectos que mais influencia o repórter em sua busca diária por notícias. Esse instinto do jornalista de perseguir os acontecimentos e ser o primeiro a dar a notícia é o que muitas vezes interfere diretamente na qualidade e na veracidade das informações que estão sendo veiculadas.

No caso da televisão, a disputa por audiência leva os telejornais a exibirem espetáculos grosseiros. Neste sentido, o caráter de novidade da notícia, que foi citado na introdução deste capítulo, vai se perdendo na mesma proporção que o sensacionalismo e a banalização da violência crescem. Uma vez que a mídia é responsável pelas informações que transmite, fica a reflexão sobre o tipo de informação que está sendo levada para a casa dos telespectadores, e ainda, como é o tratamento dessa informação pelo telejornal.

Sendo assim o que se propõe neste estudo é analisar a cobertura de eventos tais como o seqüestro do ônibus 174, ocorrido no Rio de Janeiro em 2003, e os casos mais recentes

das meninas Eloá e Isabella, que geraram comoção nacional e nos quais a mídia teve papel importante na formação da opinião pública.

3 A VIOLÊNCIA NA SALA DE ESTAR

Violência é notícia, basta ligar a TV na hora dos telejornais para constatar que todos os dias repórteres anunciam mortes, seqüestros, assaltos, e tudo mais que a parte perversa da natureza humana possa fazer. A violência é algo que desperta a atenção de qualquer pessoa, e ao se deparar com um ato violento, o jornalista vê ali uma oportunidade de matéria que irá, com certeza atrair o público. Na busca por audiência, por vezes, os telejornais apelam para manchetes feitas somente para atrair pontos no ibope, sem o devido aprofundamento das informações.

Diante deste quadro, cabe analisar que tipo de jornalismo tem se feito nos dias atuais e, tomando o pressuposto de que jornalistas são formadores de opinião, fica a questão sobre como as informações estão sendo levadas para os lares brasileiros todos os dias. Em seu artigo *Violência Invisível* publicado na revista *Lumina*, o professor Vitor Iorio (1999) argumenta que a “mídia espetaculariza a violência e transforma o público em mero espectador”:

O fluxo de programação dos meios de comunicação de massa organiza, sob a forma de espetáculo, a miscelânea de acontecimentos que apenas distrai o público com a ilusão de que o mantém informado e ligado a inúmeros centros irradiadores de “imagem”. Embora a modernização capitalista tenha ocupado considerável espaço na mídia contemporânea, a violência tem sido o tema que mais tem estado na mira dos holofotes midiáticos deste final de século. Trata-se de ingrediente indispensável na produção de um drama contagiante. (IORIO, 1999, p.135)

Vitor Iorio se referia ao fim do século passado, entretanto ainda hoje, pode-se afirmar que a violência é o tema dos telejornais. Em seu artigo, o professor faz uma reflexão a respeito do tipo de violência que é apresentada. Segundo ele, a violência menos espetacular aos olhos da mídia não aparece na TV, entretanto fere com a mesma intensidade:

A mídia, no entanto, não nos sensibiliza para um outro tipo de violência, aparentemente menos agressiva, sangrenta e espetacular. Como já se queixava Chico Buarque, “a dor da gente não sai no jornal”. Não sai muitas vezes porque “a dor da gente” não tem enredo de novela. Situações que descrevem desrespeitos aos direitos do cidadão, mas em tom pouco espetacular aos olhos da mídia, são vividas diariamente por um grande número de pessoas. Apesar de preencher alguns requisitos do que deveria ser notícia, a versão sensacionalista do termo notícia (frequentemente praticada nos meios de comunicação) não confere a tais situações o status de telerrealidade, condenando-as assim aos olhos do público e das autoridades, ao domínio dos não-acontecimentos- aqueles cujas causas não mobilizam e cujos problemas não carecem de soluções.(IORIO, 1999, p.137)

Para esclarecer melhor a distinção entre o que Iorio chama de violência invisível e esta violência explícita nos jornais, ele dá o exemplo do descaso da polícia com relação a um fato que ocorreu de violação da lei do silêncio. Uma equipe de operários trabalhava com britadeiras ao lado de um condomínio durante um jogo da seleção brasileira que estava sendo transmitido pela TV. Dois moradores irritados com o barulho desceram do prédio para reclamar. Os trabalhadores se recusaram a parar as máquinas, justificando que estavam ali cumprindo ordens, já os moradores os acusaram de infringir a lei do silêncio. Resultado, foram todos para a delegacia. Chegando lá o delegado, por sua vez, reclamou que as três viaturas policiais estavam sem gasolina, os telefones estavam quebrados e que aquele não era o tipo de queixa que ele registraria. Mais adiante no artigo, ele define o que vem a ser violência invisível: “A violência invisível é aquela dos poderes instituídos, da pressão econômica, política e psicológica, aquela da ameaça do emprego da força” (IORIO, 1999).

O que se vê nos televisores das salas de estar, no entanto parecem mais retratos de atos de violência. Não que estes devam estar fora das manchetes, mas, que haja uma reflexão que vá além dos fatos em si. Barbárie nas favelas, pais arremessando filhas do alto de prédios e ex-namorados que ameaçam matar têm que ser noticiados,

mas de que maneiras esses fatos são veiculados? A questão que se coloca aqui é qual o objetivo de continuar dando closes no rosto do seqüestrador a cada meia hora. Sobre esse tipo de violência, o mesmo autor Vitor Iorio descreve:

O que vemos na mídia são crimes de morte, seqüestros, assaltos, torturas, e outros empregos da força física. Cabe-nos apenas testemunhar tais “atos de violência” e talvez nos rebelar contra eles, caso ainda não tenhamos sido dessensibilizados pela excessiva exposição a cenas que, de chocantes, passam a ser corriqueiras. Cabe-nos também ficar prevenidos contra essa violência: andar atento, evitar certos lugares e horários, suspeitar de pessoas e situações, levantar muros, gradear janelas e instalar trincos de segurança nas portas. Essa violência não nos cabe mudar. O show que a mídia nos oferece, se não chega a nos distrair, tem apenas efeito catártico: confortavelmente reclamamos do que não nos cabe resolver. E operamos um processo burocrático de transferência do problema para as mãos do Estado. (IORIO, 1999, p.136)

O discurso presente nas linhas editoriais é de que o jornalismo está a serviço da verdade e em função disso, mas o que se vê mais parece um espetáculo de busca por audiência. Para exemplificar, citaremos dois casos de violência que tiveram cobertura jornalística incessante: a menina Isabella Nardoni e a adolescente Eloá Pimentel.

3.1 O CASO ISABELLA NARDONI

Este crime ocorrido na cidade de São Paulo no dia 29 de março de 2008, se refere à morte de Isabella de Oliveira Nardoni, uma menina de cinco anos de idade que foi jogada da janela do sexto andar do prédio onde seu pai morava com a madrasta.

Isabella era filha de Alexandre Alves Nardoni, um advogado de classe média e Ana Carolina Cunha de Oliveira, os dois eram divorciados. Quando o crime ocorreu, e Alexandre já vivia com a atual esposa, Anna Carolina Jatobá, com quem tem dois filhos.

No dia do ocorrido a menina foi encontrada ferida nos jardins do Edifício London, na zona norte de São Paulo. Ela teria sido jogada da janela do quarto do casal Alexandre e Ana Carolina Jatobá. Apesar de ser atendida pelo corpo de bombeiros, a menina não resistiu à queda e morreu a caminho do hospital. O pai, que estava presente na cena quando os bombeiros chegaram, alegou que o prédio havia sido invadido por assaltantes e que um deles jogou a menina pela janela.

Em depoimento à imprensa na época Alexandre disse que deixou a mulher e os outros dois filhos no carro enquanto subiu com Isabella, que dormia, para colocá-la na cama. Segundo ele, ao descer para se reencontrar com Ana Carolina Jatobá, o assaltante entrou no apartamento e jogou Isabella no jardim. Quando Alexandre Nardoni voltou ao quarto, teria visto a tela que protege a janela cortada e a menina caída no gramado em frente ao prédio. Segundo seu depoimento, teriam se passado entre 5 e 10 minutos.

De acordo com as investigações, vários indícios apontaram o casal Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá como autores do crime. As principais evidências que levaram a perícia à esta conclusão foram as marcas do calçado de Alexandre sobre a cama do casal no quarto onde Isabella estava, a trilha de gotas de sangue da menina desde a porta de entrada do apartamento até quarto do casal bem como no carro onde a família estava antes de entrar no edifício. A contradição entre o depoimento prestado por Alexandre Nardoni na delegacia e a sua fala para a imprensa no dia do ocorrido também apontavam o pai como possível culpado pelo crime.

Um fato como esse de certo causa indignação e revolta o que, no calor dos acontecimentos, leva à busca desenfreada pelos culpados e sua devida punição. A pressa na acusação pode gerar equívocos como o que ocorreu no caso da Escola Base, citado no primeiro capítulo. Na obra *Violência Povo e Polícia*, de Maria Victoria Benevides

(1983), a autora trata em um dos capítulos sobre a atitude da imprensa com relação a noticiar atos de violência:

Esse grande elemento de informação que é a imprensa, está sujeito, em alguns casos, a uma orientação errônea que altera e perverte o fato, fazendo flutuar a opinião pública, opinião despreparada culturalmente, para rumos incertos, desconhecidos e até perigosos na apreciação dos julgamentos penais. A Justiça Criminal, para ser distribuída, fica, não raro, ao sabor do posicionamento da imprensa, que orienta a opinião pública ao sabor do seu desejo, nem sempre coincidente com o mais alto das decisões penais. (BENEVIDES, 1983, p.20)

No caso Isabella, ainda que as provas fossem insuficientes para condenar o pai e a madrasta da menina, no dia 2 de abril o Tribunal de Júri de São Paulo aceitou o pedido de prisão preventiva do casal. Entretanto, a prisão definitiva de Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá só foi acontecer de fato no dia 8 de maio.

O caso ganhou repercussão não só no Brasil, o jornal francês *Le Monde* publicou uma crônica, assinada pelo jornalista Jean-Pierre Langellier (2008), sobre o assassinato. O artigo foi ao ar na versão online do jornal no dia 14 de maio de 2008, com o título *Le sourire d'Isabella hante le Brésil*¹. Em seu texto, o jornalista escreve sobre a comoção dos brasileiros ao se sentarem diante da televisão para acompanhar diariamente a reconstituição do crime. Na Inglaterra, o canal de TV BBC² também noticiou os acontecimentos e, dia 8 de maio, em sua página na internet, publicou uma matéria com a foto de Alexandre sendo algemado e levado por policiais.

Do dia em que houve a queda da menina até o dia da prisão dos supostos culpados, a mídia brasileira cobriu incessantemente o caso Isabella. A Rede Globo de Televisão chegou a fazer uma entrevista com o Alexandre e Ana Carolina Jatobá antes

¹ Disponível em <http://www.francophonie.net>

² Disponível em <http://www.bbc.co.uk/>

da prisão de ambos. A entrevista foi ao ar pelo Fantástico, programa da mesma no dia 18 de maio de 2008 e ganhou status de espetáculo. Luzes, posicionamento de câmera, closes e pausas para lágrimas foram estrategicamente montados para garantir que o show fosse completo. A esta altura dos acontecimentos, a opinião pública já estava formada, e não era favorável ao casal.

A publicação de detalhes do caso, tais como os indícios e as provas capturadas pela perícia, que apontavam o Alexandre e sua esposa como culpados, levou o público a um julgamento antecipado do casal. Ao dar a entrevista para o Fantástico, eles já tinham sido condenados pela opinião pública e pela imprensa. Isabella foi capa das revistas mais lidas no país. Sendo assim, fica novamente a reflexão sobre o que está sendo oferecido ao público. Este excesso de informações sangrentas contribuiu efetivamente na evolução moral e intelectual dos indivíduos? Maria Victoria Benevides em seu livro diz:

Páginas inteiras falando com linguagem desabrida, adjetivação escandalosa, das liberdades sexuais, das luxúrias, dos costumes, da libertinagem das criaturas humanas; falando dos crimes de sedução, de estupro, de assalto, de roubo, de seqüestro, de extorsão, como se tudo isso fosse o grande e principal elemento de cultura para inteligência do povo brasileiro. A imprensa tornou-se o veículo natural para a divulgação cotidiana de noticiário de violência e de criminalidade. (BENEVIDES, 1983 p. 21)

Continuando a narrativa, dias depois da entrevista com o pai de Isabella Nardoni e a madrasta, foi a vez de Ana Carolina Oliveira, a mãe da menina, ser entrevistada por Patrícia Poeta. O cenário também foi montado, mas desta vez para enfatizar a dor da mãe. Com uma camisa estampada pela foto de Isabella, Carol, como é mais conhecida, descreveu os detalhes da relação dela com o seu ex-marido bem como o seu dia a dia com Isabella. Patrícia conduzia a entrevista de forma que o ápice seriam

as lágrimas de Ana Carolina, o que se viu foi uma catarse coletiva. Telespectadores de todo o país aguardaram a entrevista durante toda a semana.

Ainda hoje, mais de um ano após a morte de Isabella, o caso gera polêmica. Em setembro deste ano o site Globo.com publicou a notícia de que dois livros escritos por médicos contestam a versão oficial da polícia segundo a qual Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá são os assassinos de Isabella. O primeiro, intitulado, *Caso Isabella: Verdade Nova*, de Paulo Papandreu (2008), atribui a morte de Isabella a um caso de acidente doméstico. Segundo ele a menina teria caído da janela ao procurar pelo pai. Já *Quem Matou Isabella Nardoni* (200?), nome dado ao livro de George Sanguinetti, defende a tese de que havia uma terceira pessoa na cena do crime, que seria então a verdadeira culpada pelo assassinato. Sanguinetti é um médico alagoano que foi contratado em 2008 pelos ex-advogados de Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá para contrapor o laudo da perícia criminal. Quem Matou Isabella Nardoni ainda levanta outras duas hipóteses sobre as causas que levaram à morte de Isabella, no entanto, de acordo com o site, o livro ainda está em fase de impressão, e Sanguinetti prefere não revelar as outras duas possíveis causas do assassinato antes que o processo criminal acabe.

O julgamento do casal Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá está previsto para 2010. Diante dos fatos narrados até aqui, pode-se perceber a clara influência da mídia não só na opinião pública, mas também nas decisões judiciais.

Uma das razões para que a fórmula violência e mídia continue a estampar as capas de jornal e tomar conta dos minutos diários na televisão pode ser justificada pela busca dos repórteres por pautas, e dos editores e donos de empresas de comunicação televisiva por audiência. É claro que deve-se levar em consideração a curiosidade mórbida de todo ser humano. Sabedora desse comportamento, afinal a mídia é feita por

seres humanos, ela quebra a rotina das massas de telespectadores divulgando acontecimentos violentos. No livro *Violência*, de Yves Michaud (1989), o seguinte trecho fala sobre a relação entre mídia e violência:

O fato de a violência se apresentar como uma crise em relação ao estado normal cria, por princípio, uma afinidade entre ela e a mídia. Como podemos constatar, num dia calmamente banal fica difícil fazer um jornal ou um noticiário de TV para anunciar que não aconteceu nada. A mídia precisa de acontecimentos e vive do sensacional. A violência, com a carga de ruptura que ela veicula, é por princípio um alimento privilegiado para a mídia, com vantagem para as violências espetaculares, sangrentas ou atrozes sobre as violências comuns, banais e instaladas. (MICHAUD, 1989, p. 49)

3.2 O caso Eloá Pimentel

Para exemplificar mais um caso no qual a mídia pode ter influenciado no desfecho dos acontecimentos entramos agora em um dos fatos que mais gerou polêmica em outubro de 2008. Lindemberg Alves, Eloá Pimentel e Nayara Silva, três jovens que viviam em Santo André, no ABC paulista protagonizaram o maior caso de cárcere privado registrado no Brasil. O seqüestro aconteceu no dia 13 de outubro de 2008 em um bairro pobre da periferia da cidade. Lindemberg, então ex namorado de Eloá, entrou armado no apartamento da moça que lá estava com sua amiga Nayara e mais outros dois rapazes da mesma escola onde as adolescentes estudavam. O que parecia acabar rapidamente, foi se transformando em longos capítulos de uma trágica novela.

Ao invadir a sala do apartamento de Eloá, que na época tinha 15 anos de idade, Lindemberg Alves deu início a um seqüestro que só iria ter fim após 100 horas e 38 minutos de muita tensão. Os dois rapazes foram libertados logo primeira noite do acontecido, mas o seqüestrador ameaçava o tempo todo matar Eloá e Nayara caso a

adolescente não reatasse o namoro, segundo ele, a amiga da ex-namorada era a culpada pelo fim do relacionamento.

O GATE³, Grupo de Ações Táticas Especiais, que tomou a frente das negociações durante todo o seqüestro, conseguiu que Lindemberg soltasse Nayara Silva na segunda noite. Ela descreveu a atitude do rapaz como extremamente violenta e de acordo com seu depoimento, ele matinha Eloá amarrada, xingava e espancava a adolescente tempo todo. A liberdade de Nayara não durou muito tempo, pois, chamada pela polícia, ela retornou ao prédio para ajudar nas negociações. Ao chegar na porta do apartamento, que ficava no terceiro andar do edifício, a moça ficou novamente sob o poder do seqüestrador. Esta atitude da polícia foi apontada por críticos da área de segurança pública como um dos maiores erros no decorrer das negociações.

Após a entrada de Nayara Silva pela segunda vez no apartamento a situação só piorou, Lindemberg chegou a disparar tiros contra um policial que rondava o apartamento, entretanto não conseguiu atingi-lo. Apesar do cerco da polícia, a multidão se aglomerava diante do edifício em Santo André, a presença de repórteres e curiosos era constante, o que aumentava ainda mais o clima de tensão. A sensação era de que a qualquer momento alguém sairia dali sem vida.

Fazendo a retrospectiva dos acontecimentos até aqui, o seqüestro havia começado na tarde de segunda-feira, já era quinta feira quando Nayara tornou-se novamente refém. Na manhã de sexta-feira, dia 17 de outubro, o cansaço das vítimas e do seqüestrador era notável, a esperança de todos era de que Lindemberg desistisse do seu objetivo inicial de assassinar Eloá, o que em certos momentos das negociações parecia acontecer. Quando era por volta das 18h do mesmo dia, ouviu-se um estrondo

³ O Grupo de Ações táticas Especiais, GATE, é um grupamento policial de operações especiais da Polícia Militar do Estado de São Paulo, no Brasil.

na porta do apartamento onde os três estavam, o GATE havia então invadido o local, Nayara saiu correndo e desceu as escadas com as mão no rosto, que sangrava, Eloá foi levada para fora com um tiro na cabeça e outro na virilha, e Lindemberg, enfim rendido, saiu sem ferimentos.

O desfecho da tragédia ainda estava por terminar, Nayara tinha levado um tiro na boca, que no entanto não deixou graves seqüelas. Mas Lindemberg cumpriu a promessa, ao ser atingida pelas balas que saíram da arma do seqüestrador, Eloá perdeu massa encefálica e não resistiu aos ferimentos, vindo a falecer algumas horas após a invasão da polícia.

A repercussão do caso, tal qual o da menina Isabella foi grande. A violência e o fim trágico por si só bastariam para atrair os olhos do mundo, mas a sucessão de erros, apontados por especialistas, nas ações do GATE gerou polêmica, e ainda gera. Na edição de 22 de outubro de 2008, a revista VEJA⁴ publicou o seguinte trecho:

VEJA ouviu quatro especialistas com experiência em negociação de reféns, que apontaram o que consideram ser erros cometidos pela polícia: 1) Permitir a reintrodução de uma vítima na cena de risco. "A devolução de Nayara afrontou os padrões mais básicos de comportamento do negociador em casos com refém", disse Rodrigo Pimentel, ex-comandante do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) da PM do Rio. "Era uma situação típica de seqüestrador emocionalmente instável. Eles deveriam tê-la colocado em contato apenas pelo telefone", afirma o coronel José Vicente da Silva, ex-secretário nacional de Segurança Pública. 2) Não isolar o seqüestrador, permitindo inclusive que ele desse entrevistas; e 3) Não cortar o fornecimento de água e luz no local. Segundo os especialistas, a polícia tem de criar necessidades para o criminoso, e não facilidades. A soma de tantos erros resultou numa tragédia de incompetência. (VEJA, 2008)

Desde o início do seqüestro em Santo André até o seu desfecho a mídia acompanhou de perto todos os detalhes do acontecimento. Os principais canais de TV

⁴ Disponível em <http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>

transmitiam imagens do apartamento em tempo real. Por vezes a vítima Eloá Pimentel aparecia com sua amiga na janela do terceiro andar do prédio ora demonstrando desespero, ora cansaço. Lindemberg Alves chegou a exibir a camisa do seu time de futebol, como se divertisse com a situação.

Durante as 100 horas e 38 minutos que adolescente ficou sob o poder do seqüestrador, a mídia acompanhou e transmitiu em tempo real imagens do acontecimento. As principais redes de comunicação do país montaram vigília de 24 horas na frente do apartamento em Santo André. Por vezes a adolescente aparecia na janela do terceiro andar do edifício com a arma apontada na cabeça. Eloá gritava calma aos que estavam ao lado de fora. No dia 15 de outubro, em meio as negociações, a apresentadora de TV Sônia Abrão chegou a entrevistar Lindemberg enquanto ele mantinha a moça em cárcere privado. Durante o programa A Tarde é Sua, exibido pelo canal Rede TV!, a apresentadora falou ao telefone ao vivo com o rapaz e sua refém, enquanto ambos assistiam a tudo pela televisão. A Rede Record e a Rede Globo também entrevistaram o seqüestrador. A repórter Zelda Mello entrevistou Lindemberg por telefone para o programa de televisão Mais Você, de Ana Maria Braga, na véspera do desfecho. Ações como essa impediam que Adriano Giovaninni, capitão que comandava as negociações, pudesse falar com o seqüestrador.

Sobre a atuação da mídia neste caso, o sociólogo e ex-comandante do Batalhão de Operações Especiais (BOPE)⁵, Rodrigo Pimentel (2008), em entrevista ao portal Terra⁶, fez a seguinte afirmação:

A Sonia Abrão, da RedeTV!, a Record e a Globo foram irresponsáveis e criminosas. O que eles

⁵ O Batalhão de Operações Especiais (BOPE) é uma força de operações especiais da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. É uma unidade especializada em patrulhas, progressões e combates em ambientes confinados e restritos.

⁶ Disponível em <http://terramagazine.terra.com.br/interna>

fizeram foi de uma irresponsabilidade tão grande que eles poderiam, através dessa conduta, deixar o tomador das reféns mais nervoso, como deixaram; poderiam atrapalhar a negociação, como atrapalharam... O telefone do Lindemberg estava sempre ocupado, e o capitão (Adriano Giovaninni) não conseguia falar com ele porque a Sonia Abrão queria entrevistá-lo. Então essas emissoras, esses jornalistas criminosos e irresponsáveis, devem optar na próxima ocorrência entre ajudar a polícia ou aumentar a sua audiência. O Ministério Público de São Paulo deveria, inclusive, chamar à responsabilidade, essas emissoras de TV. A Record se orgulha de ter ligado 5 vezes para o Lindemberg. Ele ficou visivelmente nervoso quando a Sonia Abrão ligou, e ela colocou isso no ar. Impressionante! O Lindemberg ficou: "quem são vocês, quem colocou isso no ar, como conseguiram meu telefone. Foi irresponsável, infantil e criminoso o que a Sonia Abrão fez. Eu lamento não ter falado isso na frente dela. Eu gostaria de ter falado isso para ela e para os telespectadores da Record e da RedeTV! Estive em ação em vários casos com reféns. A mídia geralmente ajuda, quando o seqüestrador exige sua presença para garantir sua integridade física. Por que foram tão perversos agora? Será que foi por ingenuidade, ou sabiam o mal que estavam fazendo? (PIMENTEL, Portal Terra, 2008)

Tanto no caso de menina Isabella quanto no caso de Eloá Pimentel, a atuação da mídia no desenrolar dos fatos foi extremamente criticada não só pela polícia, mas também por especialistas na área de comunicação. Em entrevista à versão online do jornal Zero Hora⁷, Jacques Wainberg(2008), professor da PUC-RS e estudioso em comunicação, analisa o comportamento no Caso Eloá:

Quando a mídia televisiva interfere, a polícia passa a fazer raciocínios políticos, não reflete tecnicamente, e isso causa uma pressão adicional ao negociador. E o seqüestrador começa a atuar. O emissor (a TV) se nutre disso, com todos os elementos dramáticos. Do ponto de vista do receptor (o espectador), as pessoas passam a se relacionar com os personagens. Eloá é vista como se fosse uma filha, um parente. Fazem um luto coletivo. Violência é um prato diário da mídia. Violência é show, é a dessensibilização da audiência. As pessoas querem doses maiores de violência. A mídia as contempla com espetáculos cada vez mais mórbidos. (WAINBERG, Zero Hora Online,2008)

⁷ Disponível em <http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora>

Ao fazer uma cobertura ao vivo de casos de violência a imprensa se coloca em um campo minado. De um lado está a polícia, do outro o bandido e diante das telas de TV, dos aparelhos de rádio e do computador está o público. Quando a bomba explode, é o editor que se encarrega dos rumos que a cobertura vai tomar em questão de minutos, e na busca desenfreada por audiência, perde-se a noção dos critérios básicos do jornalismo. Manoel Chaparro, também estudioso na área de comunicação e professor da USP acredita que em situações de crise como a vivida em Santo André a mídia pode cair em exageros:

A mídia eletrônica atende nessas situações às demandas do emocional. Como essa demanda não é por informação, cai em exageros. A preocupação deixa de ser a de passar conhecimento, mas de passar o mórbido. Corre-se o risco da imprudência. É uma onda criada pela mídia e na qual ela também se afoga. (CHAPARRO, Zero Hora online, 2008)

O dilema do jornalista em tais situações é atender ao interesse dos telespectadores, que não se contentam em ver as imagens do conflito apenas uma ou duas vezes. Se por um lado está o público que quer mais e mais do mesmo assunto, do outro está o jornalista que tem em sua profissão o dever de informar a todos sobre os acontecimentos.

A jornalista Cristina Valéria Flausino (2008) e professora da Universidade Anhembi Morumbi em São Paulo, também em entrevista ao Zero Hora⁸, afirmou que o papel do editor na cobertura de tais eventos é de extrema pressão. Atender a demanda do público e ao mesmo tempo identificar os limites da ética é uma tarefa difícil:

Sinceramente, até hoje não consegui chegar a uma conclusão sobre isso. Como jornalista, sei como você sofre pressão. Me senti pressionada a fazer coisas que depois olhei e pensei: “puxa, que falta de ética”. Estive no lado do jornalista pressionado por aquilo e entendo que o público quer consumir. Mas que não deveria ser assim. A preocupação é

⁸ Disponível em <http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora>

realmente de cobrir ao máximo. Dimensionar aquilo da melhor maneira, colocando gente em vários lugares, levantando hipóteses. É esse o papel da imprensa, mas ninguém pára muito para raciocinar. Essa produção de sentidos, o exagero, é totalmente irracional (FLAUSINO, 2008)

Profissionais de outras áreas do conhecimento também criticaram a ação da mídia nos casos Eloá Pimentel e Isabella Nardoni. Em entrevista ao mesmo portal, o psicanalista Mário Corso (2008)⁹ afirmou que em ambos os casos o que houve foi um “casamento infeliz um entre a demanda de um público que gosta de ver e se emocionar com uma tragédia ao vivo com uma mídia que está preocupada com o seu lugar no mundo, diante da queda no número de leitores de jornal e de audiência, no caso da televisão.” Ele faz ainda a seguinte afirmação:

Há um ambiente de tensão que ajuda a imprensa a se perder nos limites éticos. Ao assistir a isso, as pessoas se identificam com este drama, que é um drama nosso. Todo mundo fica ali torcendo. Não somos anjos. Assistimos ao vivo a este *big brother*. É uma espécie de peça de teatro em que as pessoas se questionam sobre ser ou não ser amado, ser abandonado, o que é dor etc. (CORSO, Zero Hora Online, 2008)

No caso da adolescente Eloá Pimentel uma questão representava um peso a mais na cobertura; era um seqüestro que ainda estava em andamento. Noticiar seqüestros que ainda não tiveram o seu fim concluído pode prejudicar o andamento das negociações, o que de fato ocorreu. Atribuir o desfecho desastroso do caso à mídia que divulgava cada detalhe da ação de Lindemberg é uma irresponsabilidade, entretanto cabe questionar até que ponto a imprensa agiu corretamente.

A divulgação de seqüestros é um tema que divide opiniões no meio jornalístico, enquanto alguns acreditam que noticiar informações a respeito do seqüestro pode atrapalhar nas negociações deixando as vítimas mais expostas a uma ação violenta

⁹ Disponível em <http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora>

do seqüestrador, por outro lado, há aqueles que pensam que o fato de não noticiar o seqüestro favorece aos criminosos. No livro *Mídia e Violência*, de Silvia Ramos e Anabela Paiva (2007) chega-se a seguinte conclusão:

Não há uma recomendação única a fazer em relação à cobertura de seqüestros. Tanto a divulgação do caso quanto a atitude de esperar sua conclusão oferecem vantagens e desvantagens. O certo é que nessas situações, em que a vida de uma pessoa está em jogo, a imprensa deve colocar o bem estar da vítima acima dos interesses jornalísticos, procurando avaliar, através do contato com a polícia e a família, que atitude tomar. (RAMOS-PAIVA, 2007, p.125)

Há ainda uma terceira hipótese que poderia ser levada em consideração ao se divulgar um seqüestro que também é destacada neste livro, “noticiar o essencial, sem alarde, e então aguardar a conclusão do caso” (RAMOS-PAIVA, 2007). É o que não ocorreu no caso de Eloá Pimentel, e é também o que ficou faltando na cobertura do seqüestro do ônibus 174, no Rio de Janeiro.

O seqüestro do ônibus 174 é peça chave desta monografia, não só pelo tratamento dado pela mídia ao caso, mas também pelo fato de ampliar o leque de discussões acerca do tema da pesquisa. O desfecho dessa história, tal qual o de Eloá, foi trágico. A história de Sandro Barbosa do Nascimento vai preencher as próximas páginas desta monografia que tem como objetivo principal analisar a relação da mídia com a violência, sobretudo quando se trata de coberturas ao vivo.

4 UMA TRAGÉDIA EM TRÊS ATOS

Para contar a história de Sandro, começemos do seu nascimento. Menino pobre do Rio de Janeiro, filho de mãe alcoólatra, vivia no Morro do Rato, uma das inúmeras favelas cariocas. O pai nunca esteve presente em sua vida, quando soube da gravidez da mulher partiu deixando ambos na miséria. Aos seis anos de idade, Sandro viu sua mãe ser degolada, fato que o perturbou psicologicamente para o resto da vida. Abandonado, o menino fez das ruas sua moradia.

4.1 Primeiro Ato: O Menino de Rua

Sandro logo se juntou a outros tantos garotos que, como ele aprendiam a se virar sozinhos. Não demorou muito para se envolver com todo tipo de droga e de gente, os roubos e o tráfico garantiam seu sustento. Entre o Meyer e Copacabana, o grupo de menores abandonados praticava todo tipo de delito, assim Sandro do Nascimento dá início a um triste capítulo de sua história, sai de um drama pessoal e entra para uma gangue de meninos de rua:

Os comumente chamados meninos de rua são os meninos que cortaram qualquer vínculo familiar com qualquer pessoa que eles conhecessem de uma casa ou de uma comunidade. Eles esqueceram o passado, é como se o passado não existisse. O presente deles, a vida deles, é aquela esquina, aquela rua e aquele grupo de amigos. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

Nessa família sem referências paternas Sandro foi se criando e em meio a um roubo e outro, passou também a consumir drogas cada vez mais pesadas, se tornando um viciado. Mancha, nome adotado por Sandro ao se mudar para as ruas, era descrito por seus colegas de gangue como um menino quieto, calado, e que exagerava

no consumo de craque e outros entorpecentes. Na fala de um dos meninos que convivia com ele na época fica clara a infância perdida do rapaz:

O Mancha veio pra rua criança, então ele não teve tempo para ter o amor de ninguém, a única coisa que ele aprendeu na rua foi a sobreviver, foi o que nós todos aprendemos, a sobreviver por si próprio. Se eu for um menor de rua e tiver aqui sentado e não correr atrás, ninguém vai aparecer pra querer dar uma comida, tem que correr atrás mesmo. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

A presença de crianças abandonadas nas ruas das grandes cidades não é novidade, por vezes surgem nos telejornais imagens de meninos e meninas nas esquinas vivendo de maneira sub-humana. Por serem tantos e tão comuns, passam a ser invisíveis aos olhos da sociedade, é como se a história de Sandro se repetisse a cada semáforo, a cada malabarista mirim que tenta levar a vida contornando carros, roubando, traficando, matando e morrendo. Os meninos de rua mais parecem crianças sem identidade, sem rosto. Ao contrário dos casos de Isabella e de Eloá, Sandro não ficou conhecido pela sua história, mas pelo seu ato, não é o caso Sandro, é o Caso do Ônibus 174. Assim, invisível, o menino continuava sua vida de marginal nas ruas do Rio de Janeiro:

A história de Sandro é a história dos meninos invisíveis que eventualmente emergem e tomam a cena nos confrontando com a sua violência que é um grito desesperado e impotente. A nossa incapacidade de lidar com os nossos dramas, com a exclusão social, o racismo, as estigmatizações todas é tão grande que nós aprendemos a conviver tranquilamente com os sandros, com as tragédias, com os filhos das tragédias, suas extensões, e isso se converteu em parte do nosso cotidiano. A grande luta desses meninos é contra a invisibilidade, nós não somos ninguém e nada se alguém não nos olha nem reconhece nosso valor, não preza nossa existência e não devolve a nós a nossa imagem ungida de algum brilho, vitalidade ou reconhecimento. Esses meninos estão famintos de existência social e reconhecimento. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

Sandro do Nascimento era mais um desconhecido na massa de menores abandonados que habitavam as ruas cariocas. Era descrito como “um menino

introvertido, que nunca havia conhecido o pai, e que estava sempre contando a história de ter visto sua mãe degolada” (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002). Uma das coisas que Sandro e os outros meninos do grupo costumavam fazer era roubar os carros no sinal e gastar o dinheiro no Bob’s, é o que conta uma de suas colegas:

A gente ia lá no Bob’s, comprava aquelas promoção lá, batata-frita, refrigerante, sander, aí a gente chegava ali debaixo da marquise e era o maior barato porque a gente botava tudo assim no chão em cima de um papelão, abria os sacos e o refrigerante, todo mundo ia se servindo, um queria uma batatinha, outro queria um hambúrguer, a gente deixava o sorvete sempre por último, dava uma colherada pra cada um. A gente fazia aquela zona comendo e quando enjoava, a gente fazia guerrinha de comida um com outro, era o maior barato, a gente achava que era filho de papai e mamãe. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

A moça ainda descreve o comportamento de Sandro quando ele estava triste, segundo ela, o Mancha subia na banca de jornal e ficava de cabeça baixa. “A gente perguntava o que você tá fazendo? Ele respondia que estava refletindo, tá refletindo em que, quantos tu vai roubar amanhã? A gente botava essa pilha nele!” (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002). Sandro nunca aprendeu a ler ou escrever, em um vídeo feito por uma ONG do Rio de Janeiro que ajudava os meninos de rua na época, Sandro declara que o seu sonho era “ter uma casa, com um lugar pra dormir e um cobertor.” (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002). Esse era o principal desejo das demais crianças que aparecem no vídeo, além disso, elas denunciam para as lentes da câmera a atitude dos policiais que batiam nelas mesmo estando de fardados.

Aqui entramos em mais uma página da vida de Sandro Barbosa do Nascimento. Ele e sua gangue de meninos de rua passam a frequentar a região da Igreja da Candelária zona central do Rio de Janeiro, cuja escadaria e a praça eram lugares de usuários de drogas. Lá as crianças traficavam, cheiravam cola, roubavam e conviviam diariamente com grupos de diferentes favelas. A richa entre os meninos de rua e os

policiais responsáveis por aquela área era grande. Por vezes surgiam adolescentes espancados pela polícia, atos que revoltavam os moradores das ruas ao redor da Igreja.

4.2 Segundo Ato: A Chacina da Candelária

Candelária, julho de 1993, noite, um grupo de menores de rua dormia diante da igreja quando no meio da escuridão ouviu-se disparos de bala. Tumulto, corpos ao chão, entre os sobreviventes um jovem de nome Sandro Rosa do Nascimento, o Mancha. Até este momento seu nome ainda não era conhecido do público, mas quando o mesmo adolescente surge anos mais tarde no seqüestro do Ônibus 174, a história de Sandro passa a ser conhecida. Ter saído vivo da tragédia na Igreja da Candelária foi determinante na construção de sua personalidade conturbada.

A Chacina da Candelária, como ficou conhecido o episódio acima narrado, teve repercussão em todo o país, a capa da revista *Veja* de 28 de julho de 1993 trazia a seguinte manchete : *O Massacre dos Meninos* (Veja, 1993)¹⁰. A morte de sete crianças e jovens de 11 a 22 anos por fuzilamento seria por si só chocante, mas a polícia estar comprovadamente envolvida com o acontecido deixou o país perplexo. Este trecho da reportagem narra os últimos momentos da vida de algumas das vítimas da chacina:

O nome que se dá ao que aconteceu na noite de quinta para sexta-feira no centro do Rio de Janeiro é chacina, coletivo de assassinato frio, brutal, premeditado. O chocante é que as vítimas foram sete crianças e jovens de 11 a 22 anos. O inominável é que todo dia quatro crianças brasileiras são chacinadas em condições parecidas. Passava da meia-noite e uns quarenta desses "meninos de rua", que a miséria privou de um teto, dormiam sob as marquises do generoso pé-direito de edifícios que margeiam a Igreja da Candelária. Estavam embrulhados em cobertores puídos no chão forrado por trapos de carpete. Chegaram dois Chevetttes, um

¹⁰ Disponível em http://veja.abril.com.br/idade/em_dia_2001/reportagens/reportagem_candelaria.html

claro, que na escuridão foi descrito como bege ou amarelo, outro café-com-leite, com uma faixa marrom nas laterais, confundido com um táxi. Do bege saíram quatro homens; do mais escuro, pouco depois, outros dois. Os homens foram direto em direção a um garoto de cabelo oxigenado.(...)A gritaria assustou "Caveirinha", mulato franzino de 17 anos, que saiu correndo. Um dos homens mirou nele, mas o revólver engasgou duas vezes. Seguiu-se a barulheira de uma fuzilaria. Marco Antônio Russo e seus vizinhos foram os primeiros atingidos à queima-roupa, com precisão profissional. Tiros, quase sempre na cabeça, mataram três na hora. Um deles, cambaleante, ainda atravessou a rua e emborcou na grama, em frente à igreja. Russo, que levou um tiro no olho direito e outro na coxa direita chegou no CTI do hospital Souza Aguiar com mínimas chances de sobreviver. O caçula das vítimas, Paulo Roberto de Oliveira, o "Pimpolho", que faria 12 anos na próxima semana, também chegou vivo ao hospital - para morrer seis minutos depois.(VEJA, 1993)

A richa entre policiais e meninos de rua na região da Candelária vinha só aumentando, mas o que desencadeou a tragédia ocorrida na noite de julho de 1993 é melhor explicada na fala de um dos amigos de Sandro, que também sobreviveu à chacina:

Tinha o Neflton, um amigo nosso apanhou nas mãos de um policial, nós não gostamos, e como nós éramos muitos também, a gente fez uma rebelião, tipo uma manifestação, e brigamos com os policiais. Alguns dos policiais ameaçaram a gente, falaram que iam voltar de madrugada, que iam fazer e acontecer, mas nós também não acreditamos. A gente jamais ia imaginar que no centro da cidade ia haver uma chacina, que ia matar um monte de crianças, então nós ficamos. Aí quando foi perto de onze horas meia noite, pararam dois carros, e como era fim de semana, nós pensamos que eles iam dar sopa, porque sempre parava uma senhora lá pra dar sopa na latinha pra gente, daí foi todo mundo pra cima, pra poder pegar sopa. Aí nós levantamos, mas já saiu um por trás da banca do jornal atirando, saiu gente dos dois carros disparando tiro em cima da gente. O que deu pra mim ver foi só os meus amigos no, chão sangrando, morrendo.(PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

Sobreviveram à essa tragédia 62 meninos, todos para sempre marcados pela violência de um crime inimaginável. Muitos dos sobreviventes foram assassinados depois do ocorrido por representarem alguma ameaça para os assassinos da candelária

ou porque se envolveram com o tráfico de drogas. Uma parte dos que sobreviveram à chacina desapareceu e outra tenta sobreviver em condições precárias. No livro *Violência Povo e Polícia* (BENEVIDES, 1983) o seguinte trecho do capítulo que fala sobre as causas e soluções da violência e da criminalidade explica em parte o comportamento violento dos indivíduos:

O levantamento de opiniões de representantes do pensamento alternativo permite concluir que a maioria identifica as causas da violência na conjugação de três fatores: o modelo econômico responsável pelos desequilíbrios e injustiças sociais; a violência e o arbítrio da própria polícia; falhas na Justiça e do Direito Penal, sobretudo pela discriminação social contra os pobres e marginalizados. (BENEVIDES, 1983, p31)

Sandro jamais esqueceria aquela noite, desde então mudou-se para diferentes lugares nas ruas da cidade e intensificou o uso de drogas. Ao se fixar debaixo de uma ponte junto com outros moradores de rua, Sandro foi convidado a fazer parte de um grupo de capoeiristas da PUC. Ele chegou a praticar o esporte por algum tempo, mas foi o primeiro a deixar o grupo. O uso intenso de drogas só o prejudicava, é o que conta um dos rapazes que, como ele, morava em baixo da ponte e também começou a praticar capoeira na mesma época:

O que estragou mais o Mancha era a cola, eu sempre dei idéia pra ele pra largar dessa história e ele sempre dizia que era assim mesmo, que não tinha jeito. Mas ele sempre falava que queria ficar forte e saradão como eu, já que ele jogava capoeira também. Aí começamos a malhar mas é a danada da cola, como prejudicou ele, prejudica várias molecadas que ta na rua ainda. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

Sandro do Nascimento já havia passado da infância para a adolescência, “na rua vira adulto rápido” (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002), é o que diz a mesma moça que comia batata frita do Bob’s nas ruas da Candelária com Sandro. Ela conhecia bem o rapaz, no seguinte trecho ela conta da relação de Sandro com as drogas:

O normal do Sandro era cherado, ele gostava, roubava só pra cherar. O Sandro não gostava de vestir roupas de marca, o negócio dele era só pó. Às vezes passava dois dias só cheirando pó. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

O uso de drogas é mais um fator que pode ser levado em consideração no entendimento da personalidade desse indivíduo. Depois da Chacina da Candelária, Sandro foi encarcerado inúmeras vezes por roubo a mão armada, em uma delas teve pena de três anos, três meses e vinte dias, sendo então levado à uma das piores cadeias do Rio de Janeiro. O carcereiro da época descreve as condições sub-humanas pelas quais os presos passavam no local:

A pior cadeia para os vagabundos daqui é a 26°DP, o Cofre, não tem banho de sol, as condições não são nem um pouco agradáveis, até sub-humanas, uma escuridão imensa. É um cofre, toda fechada e até meio sinistra, mas é a realidade, era o terror dos presos, quando eles sabiam que iam pra lá eles ficavam até meio malucos, perturbados. Num lugar que comporta no máximo dez pessoas em péssima situação, ficavam mais ou menos 25 a 30 pessoas. Aí além deles terem que ficar metade em pé e metade deitada, trocando os turnos, eles amarravam cordas ao teto, e ficava um em cima do outro, pendurados que nem pau de arara. Fazia uns 50 graus mais ou menos, era um inferno. Na cela onde o Sandro ficava tinha umas 40 pessoas mais ou menos. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

Apesar de a vida na cadeia ser extremamente difícil, uma espécie de convite à violência, o carcereiro descreveu Sandro como um preso de bom comportamento. Mesmo quando o Mancha se viu obrigado a fugir da cadeia com os demais presos, ele demonstrou certo remorso ao fazer isso:

O Sandro era uma pessoa de bom comportamento, é engraçado porque falavam que o fato de ele roubar e fazer o que ele fazia lá na rua pelas coisas que ele passava, era pra ser um cara revoltado, mas muito pelo contrário, nós que conhecemos ele na cadeia, pelo menos lá, ele era uma pessoa de bom comportamento. Era um criminoso, mas na cadeia ele era tranqüilo, não dava aporrinhção pra gente, nunca tivemos problema com ele, embora vivesse naquele lugar que nem dá pra chamar de cadeia. Ele fez alguns amigos no Cofre, tem que formar amizades, porque imagina se você está num lugar

desse e cria inimigos, se dormir morre. Ninguém veio visitar o Sandro aqui, nem amigos, muito menos parentes. Na virada do ano de 1998 para 1999, o Sandro fugiu com uma galera, pegou a chave, arrombou o nosso armário, pegou a minha arma e do outro agente, mas quem foi o mentor disso foi o Aldair da Mangueira, o Sandro veio na onda, como um monte de vagabundo também fez. Eles viram que a cadeia estava aberta e aproveitou a onda, era a única oportunidade que eles tinham de fugir, tanto que quando ele passou por mim olhou pra mim como se dissesse que precisava ir, a oportunidade era aquela. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

Era primeiro de janeiro de 1999 quando Sandro resolve ligar para sua tia, que não via desde a época do Morro do Rato, no telefonema ele diz que havia fugido com alguns colegas e pede um par de tênis, diz ainda que estaria morando em uma casa na favela de Nova Holanda, e que agora iria mudar de vida e iria ser conhecido no mundo. Era mais uma tentativa de sair do mundo marginal, ele se muda para a favela de nova Holanda e passa a morar com uma senhora que o adota. Criou-se ali uma relação de mãe e filho entre ambos, mas Sandro não se adaptava àquela vida, segundo ela, Sandro não dormia na cama, sempre no chão, por vezes dizia que não estava acreditando que enfim tinha uma casa, um fogão e uma geladeira. Por mais que ela sugerisse a Sandro de continuar vivendo com ela, ele não conseguiu:

Eu tinha força de vontade, mas tinha alguma coisa que desviava ele, não sei se era o medo, se ele era muito tímido ou então se alguém ameaçava ele, não sei. Ele sempre falava que tinha que ser alguma coisa na vida, uma artista, alguma coisa, eu dizia que bastava ele lutar, quem luta vence. Ele falava que queria trabalhar e encontrar a tia dele, Ivone, e estudar também. Ele falava comigo que eu ainda ia ver ele na televisão fazendo sucesso. Eu dizia que queria ver ele fazendo sucesso, mas que ele também visse isso, daí ele respondia que se ele não se visse na televisão, eu iria ver mesmo assim. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

Yvonne Bezerra de Mello era uma artista plástica de classe alta que trabalhava na mesma ONG citada no início do capítulo, ela ajudava a meninos de rua que não tinham a menor perspectiva de melhorar de vida. Analfabeto e sem carteira de

trabalho, Sandro então vai até a ONG e pede a ela para ajudar a procurar um emprego mas no fundo sabia que ninguém iria dar a ele uma oportunidade. Isso aconteceu dois meses antes de Sandro do Nascimento entrar no ônibus 174.

Completamente perdido, cada vez mais viciado, torna a vagar sem rumo pelas ruas do Rio de Janeiro, aqui começamos a escrever as páginas finais da história de vida desse personagem marginalizado em todos os sentidos.

4.3 Terceiro ato: O Seqüestro do Ônibus 174

Para o Sandro fazer o que ele fez devia estar drogado, mas muito drogado mesmo, muito louco. Devia estar a três dias pernoitado, ou alguma coisa que houve. Ele ficou com medo também; ele sentiu medo ali na hora, foi o lance dele ali dentro do ônibus. Ele estava ao mesmo tempo com disposição, por causa da onda do pó, e com medo. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

No dia 12 de junho de 2000 um homem negro, portando um revólver de calibre trinta e oito invade ônibus 174 que faz a linha Central-Gávea na cidade do Rio de Janeiro. O circular entretanto não chegou a completar o seu trajeto. Passava do meio dia quando Sandro decide entrar no ônibus e fazer dali o palco para um dos casos de seqüestro de maior repercussão no país.

Ao invadir o ônibus, Sandro do Nascimento demonstrava um desequilíbrio psicológico muito grande e ameaçava matar todos os passageiros, entretanto não fazia exigências aos policiais. O ato de Sandro não parecia, naquele momento, algo planejado, mais parecia um assalto frustrado que desencadeou um seqüestro, que foi, da mesma forma frustrado.

A fala que abre esse trecho do capítulo é de uma das amigas do seqüestrador, de acordo com ela, Sandro jamais cometeria esse crime se estivesse

sóbrio. Mas no momento do seqüestro ninguém, nem mesmo a polícia sabia do passado de Sandro Barbosa do Nascimento. Aos olhos dos que estavam ao lado de fora do veículo, o que se via era um marginal que a qualquer momento poderia executar um dos reféns, como diz uma das pessoas mantidas presas dentro do ônibus:

A coisa tomou uma dimensão que ninguém naquele momento imaginava. Mas ele sabia que eram muitas pessoas contra ele. Todos que estavam em volta do ônibus estavam preocupados com a gente, os reféns, ele era o único contra todos. Bem no começo, quando ele pegou uma das reféns ele falou que tinha quatro balas, disse que era uma para cada refém, e a última para ele. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

No início nem todos imaginavam que aquilo que acontecia dentro do ônibus era um seqüestro, talvez nem mesmo Sandro assim o pensava. É o que diz uma outra refém em entrevista:

Até então eu não tinha a concepção que estava sendo seqüestrada dentro do ônibus, pra mim era um incidente, pegaram uma pessoa armada e a pessoa queria sair. Era como se essa pessoa não tivesse o objetivo de manter a gente dentro do ônibus até conseguir o que queria, não pensei dessa maneira. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

O seqüestrador usou o casaco de uma das moças que estava sendo mantida presa para esconder o rosto. A imagem de Sandro com a cabeça para o lado de fora do ônibus, coberta com um tecido de cor escura, uma mão segurando o revólver e a outra apontada para a refém sintetiza os momentos de tensão daquela tarde de junho. Os passos do seqüestrador eram imprevisíveis e a área ao redor do ônibus não estava devidamente isolada, jornalistas, fotógrafos e uma multidão de curiosos conseguiam chegar bem perto do veículo.

Existia uma preocupação em resolver a situação, tirar o Sandro de lá ou então matar ele, isso aconteceu, mas em isolar a área, isso não aconteceu. Havia poucos policiais controlando a distância, não existia nada que impedisse o acesso de nós, jornalistas, ao local. Existiam pessoas da imprensa o

tempo inteiro, tentando chegar cada vez mais perto, tentando obter melhores informações e melhores imagens. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

Quando viu que o cerco iria se fechar, Sandro tentou sair dali com o ônibus obrigando uma das reféns a dirigi-lo, vendo que isso era impossível, a rua estava tomada por viaturas da polícia e repórteres por todo os lados, ele disparou um tiro contra o vidro da frente do ônibus. A situação que já era no mínimo estressante, se agravou, o clima agora era de medo.

Sandro foi ficando visivelmente cada vez mais alterado, à sua mente vinha toda revolta de um passado miserável, cuja infância ao lado da mãe havia sido tragicamente interrompida. Por vezes ele repetia dentro do ônibus palavras sobre a Candelária, as memórias de uma chacina da qual foi sobrevivente palpitavam na sua cabeça:

Nós não tínhamos resolvido a tragédia da candelária e já estávamos vivendo uma outra tragédia que era em certo sentido uma extensão daquela primeira. Sandro que é vítima da Candelária, agora se converte no algoz do novo drama, quase que para nos acordar para o fato de que nós precisamos resolver essa questão que é maior que a candelária, que o Vigário Geral¹¹ e que o 174. Se nós acrescentarmos a invisibilidade ao drama da adolescência nós compreenderíamos o quão difícil é a trajetória desse menino, de um “Sandro” qualquer da vida pela cidade, esse ser invisível. A sociedade define esses seres humanos como, lixo então eles são lançados em pocilgas e nós nos desresponsabilizamos inteiramente por eles. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

A trajetória de vida de Sandro Barbosa do Nascimento o levou para dentro daquele ônibus, entretanto nada que ele tenha passado justifica privar a liberdade de outros e tampouco o direito à vida. Durante as quase cinco horas de duração do

¹¹ No 29 de agosto de 1993, 21 pessoas foram brutalmente assassinadas no episódio que ficou conhecido como a chacina de Vigário Geral, favela do subúrbio do Rio. As investigações indicaram que os assassinos eram cerca de 50 policiais civis e militares, encapuzados, que mataram em represália à morte de quatro PMs, atribuída a traficantes locais.

seqüestro Sandro ameaçava matar a todos, ele chegou a estipular um horário para cumprir sua promessa, seria às 18h, como uma das reféns havia escrito com batom nas janelas do ônibus.

Pouco antes do horário prometido, Sandro segurou uma das reféns e a cobriu com um pano da cabeça aos pés, a impressão que se tinha, tanto dentro quanto do lado de fora do ônibus, era que o bandido iria matá-la. Ele dispara a arma, mas o tiro não era para matar a moça, ao fazer isso, o ex-menino de rua pede para a refém permanecer deitada e se fingir de morta, e ao mesmo tempo manda os outros reféns avisarem a todos que ele acabara de fazer sua primeira execução. Em entrevista ao documentário *Ônibus 174* a refém supostamente atingida por um tiro descreve esse momento:

Na hora que ele me encobriu eu disse a ele que não estava enxergando nada, ele respondeu que não era mesmo pra eu enxergar. Ele falou que ia contar até cem e depois me mataria, quando ele começou a contar 1,2, 3 e depois acho que ele pulou pro sessenta, a cada pulada de número era um pai nosso que eu começava e depois não conseguia terminar. Sua vida passa como flashes de tudo que você já viveu e tudo que você queria ter feito e não fez. E aí na hora que ele me abaixou, era nítido pra mim que ele me mataria, dá uma sensação de fragilidade por estar ali e não saber se vai morrer ou não porque está na mão de um cara e ele está disposto a se matar, no fundo ele não tem nada a perder. No último segundo, com a arma apontada para minha cabeça ele chegou bem perto de mim e disse que não ia atirar pra me matar, mas que ia atirar e queria que todo mundo gritasse. Na hora que ele atirou realmente, todo mundo gritou, inclusive eu estava gritando muito. Aí foi uma encenação. Eu só fui sentir que estava viva depois disso, quando eu comecei a chorar e colocar pra fora tudo o que eu tinha passado nas mãos do Sandro. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

Instalou-se naquele momento uma histeria coletiva, enquanto uns gritavam, e dentro do ônibus Sandro encorajava essa atitude dos reféns, do lado de fora pensou-se que a polícia invadiria o veículo nesta hora, o que não aconteceu. Mais tempo se passou

antes que os policiais tomassem qualquer atitude com relação a interromper o seqüestro. O estado emocional de todos os envolvidos era de extremo cansaço físico e mental.

A atitude violenta de Sandro era como um grito de revolta contra tudo o que ele havia passado em vida. Tia Yvone, que fazia parte de uma ONG que ajuda meninos de Rua no Rio de Janeiro e acompanhou parte da trajetória de Sandro, em entrevista para o mesmo filme disse o seguinte sobre a personalidade de Sandro:

Ele não ia matar ninguém porque não era do caráter dele, senão ele já teria matado antes. Na vida dele, como menino de rua, solto por esse mundo, sem nada, ele já teria matado alguém se isso fosse do temperamento dele, o que não era. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

Ainda sobre o tema da violência, no livro *Violência Povo e Polícia*, a autora Maria Victoria Benevides destaca no seguinte trecho uma das razões que desperta a violência nos marginais, e pode-se dizer que a violência de Sandro é uma junção de todos os fatores apontados no fragmento do livro:

O marginal será tão violento quanto mais violência receber por parte da sociedade, seja através da impossibilidade de trabalhar continuamente, seja da repressão policial, seja finalmente através da conscientização de que nenhum outro caminho lhe resta senão o de aderir à violência circundante para não ser colhido por ela. (BENEVIDES, 1983, p.102)

É muito difícil prever a atitude de uma pessoa completamente descontrolada psicologicamente, isso se agrava pelo uso de drogas. No caso do ônibus 174 ficou notável o despreparo da polícia carioca em operações desse tipo, por vezes os policiais que estavam diretamente envolvidos com as negociações se comunicavam por gestos, o que ali, não parecia surtir efeito positivo. Sandro colocou a cabeça e os braços para fora da janela mais de uma vez, a pergunta que se fazia então era porque o seqüestrador não foi abatido nesses momentos?

Um dos componentes fundamentais em uma operação como essa é um equipamento de comunicação adequado, como o rádio por exemplo, o que os policiais

envolvidos no caso não tinham. Um dos entrevistados do documentário *Ônibus 174*, aparentemente um policial treinado, descreve como deveria ser feita a ação dos policiais no caso de risco de vida para reféns:

Nós temos quatro alternativas táticas para a resolução de conflitos com reféns. A primeira seria a negociação, a segunda seria o uso de agentes não letais, a terceira o uso de um atirador de elite, e a quarta o uso de uma equipe de intervenção que pudesse invadir, no caso, o veículo. Todas as equipes tem que estar muito sintonizadas, pois elas agem em grupo coordenadas por um gerente, que no caso do ônibus 174, era o Coronel Penteadó, ele deveria estar no centro de coordenação da crise, próximo ao local, coordenando todas essas equipes. Toda fragilidade da segurança pública, de um estado ou de uma nação vai aparecer em uma ocorrência com reféns. Boa parte dos nossos policiais estava a mais de dois anos sem sofrer nenhum tipo de treinamento, o resultado final disso jamais seria positivo, a não ser que Deus assim quisesse. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

O despreparo dos policiais há 9 anos atrás pareceu se repetir no caso de Eloá Pimentel. A demora para tomar uma decisão consistente que não colocasse em risco a vida dos reféns foi sistematicamente lembrada quando Lindemberg invadiu o apartamento da ex namorada. O desfecho de ambos os casos entretanto não foi igual.

Agora começamos a narrar as cenas dos últimos momentos do seqüestro do ônibus 174. Após disparar, mesmo que falsamente, contra uma das reféns a situação só piorou. O horário estipulado pelo próprio seqüestrador, seis horas da tarde, estava bem próximo. Foi então que Sandro decidiu sair do veículo levando a refém Geísa Gonçalves como escudo humano.

A saída do seqüestrador de dentro do circular aconteceu de forma inesperada, naquele momento ninguém imaginava que Sandro tomaria uma atitude como essa. Prova disso é que em depoimento alguns dos reféns que permaneceram dentro do ônibus disseram que não perceberam que Sandro tinha enfim se direcionado

para a porta com o intuito de deixar o local. A hora em que ele decidiu sair do ônibus era extremamente importuna para a polícia, é o que diz um dos policiais que analisou a situação:

A saída do Sandro naquele momento não representava nenhuma vantagem tática para a polícia. Pelo contrário, nunca se deve deixar uma situação que é estática se tornar móvel. Aquele marginal, se continuasse a andar com a refém pelo Jardim Botânico, poderia ser linchado, fazer mais reféns. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

Um outro policial, que participou das negociações diretamente afirmou que os policiais que ali estavam não esperavam que Sandro saísse do ônibus. “Isso era o mais improvável de acontecer, já que vendo tantas armas em volta, ele pensaria que uma tentativa de fuga colocaria sua vida em risco.” (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

Ao descer do veículo, Sandro despertou tamanha ira na multidão que a polícia teve o dobro do trabalho, ao mesmo tempo tinha que conter as pessoas que gritavam palavrões e tentavam linchar o seqüestrador, e vigiar as ações do bandido que ameaçava matar qualquer um que estivesse na sua frente. Entre o tumulto, os policiais e o seqüestrador, estava Geísa Firmo Gonçalves, uma professora cearense de 21 anos de idade. Sandro apontava a arma o tempo todo para sua cabeça.

De repente ouve-se um disparo, Geísa é atingida pelo tiro de um policial, a reação de Sandro é disparar sua arma, e a refém leva então mais três tiros, dessa vez disparados pelo seqüestrador. Resultado, a jovem cai morta no chão, com o corpo ainda preso nas mãos de Sandro:

A atitude do deste policial foi aproveitar que Sandro estava de costas para ele pra fazer o disparo, só que o ferrolho¹² estava atrás e ele sabia que se liberasse o ferrolho enquanto ia na direção do bandido iria despertar a atenção do Sandro de longe. Quando ele chegou a aproximadamente dois palmos da cabeça

¹² Ferrolho é um conjunto de peças utilizadas para travar a culatra de algumas armas.

de Sandro ele liberou o ferrolho da HK¹³ mas, infelizmente, chamou a atenção do Sandro. Ele tinha uma refém, um revólver com três tiros, e o Marcelo com a arma apontada pra cara dele ,qual seria então a reação normal, instintiva do ser humano? Se proteger com uma refém e atirar no agressor, ainda que ele soubesse que poderia morrer na mão dos outros policiais. Aquele desvio de cabeça que Sandro deu, foi o bastante para o Marcelo errar os dois tiros (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

Capitão Batista, o policial militar que negociou a entrega de reféns com Sandro do Nascimento desde sua entrada no ônibus 174 fez o seguinte depoimento acerca da saída do marginal do veículo e da morte de Geísa:

Naquele momento a gente viu que faltava muita coisa, parece que as coisas que a gente vinha pedindo, os equipamentos, os treinamentos, os cursos, tudo isso pareceu que naquele momento desabou. Eu acredito que aquele foi o momento perfeito para a ação, só que ele errou o tiro. Foi o momento mais caótico pra mim porque eu acreditei cegamente que o Marcelo¹⁴ tinha acertado o tiro, então eu parto pra cima do marginal tentando segurá-lo e puxá-lo pra mim porque eu contava com espasmos do dedo no gatilho que matariam a Geísa. Então naquele momento eu tinha ido na direção dele pensando que ele estava morto, ou quase morto, mas para minha surpresa isso não ocorreu, eu o puxei, ele estava vivo, o que me fez debruçar sobre ele e a Geísa pra tentar pegar a arma e evitar que ele fizesse outros disparos. Ele fez um disparo enquanto estava caindo com ela, e os outros dois no chão. Eu já sabia que ela tinha sido atingida porque eu vi, e pela posição que os olhos dela estavam eu percebi que tinha sido um órgão vital. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

Tal qual Lindemberg Alves, Sandro do Nascimento não foi atingido por nenhum tiro, entretanto o seu fim foi muito diferente. A ira das pessoas que estavam a sua volta era tão grande que a impressão que se tinha era que o bandido sairia dali morto, o que de fato ocorreu antes mesmo de chegar na delegacia. No artigo intitulado *Horror em Tempo Real*, disponível na versão online do Jornal Zero Hora, é feita uma

¹³ HK é uma arma de fogo do tamanho de um rifle.

¹⁴ Marcelo é o policial responsável pelo disparo que atingiu a refém Geísa Gonçalves.

comparação entre o caso ocorrido em Santo André e o seqüestro do ônibus 174 no Rio de Janeiro. Fica clara a semelhança de comportamento tanto da mídia quanto da polícia em ambos os casos:

Em Santo André, a TV teria se superado em relação a um caso emblemático, a cobertura em tempo real do seqüestro do ônibus 174, no Rio. No dia 12 de junho de 2000, o ex-menino de rua Sandro do Nascimento apoderou-se do ônibus durante um assalto. Ao final, a professora Geísa Firmo Gonçalves foi atingida por tiros de Sandro e da PM e morreu. Sandro foi morto por asfixia numa viatura da polícia. O terror daquele dia é abordado no filme *Última Parada 174*, de Bruno Barreto, em cartaz na Capital. A imagem assustadora de Sandro com uma refém transformou-se em ícone da violência mostrada ao vivo durante quatro horas ininterruptas pela TV. A imagem de Eloá – na janela do apartamento em que morava, sob a ameaça do ex-amorado de 22 anos –, não a substitui. Junta-se ao acervo de imagens de dramas em que as deficiências da polícia convivem com os erros dos que estão ali, ou mesmo longe dali, sob o pretexto de que tudo deve ser devassado em tempo real. (Zero Hora online, 2008)¹⁵

Após ser rendido pela polícia, que rapidamente retirou o seqüestrador do meio da multidão, Sandro foi levado para a parte de trás de uma viatura policial. Mesmo algemado e completamente imobilizado por um grupo de policiais, o bandido morreu asfixiado dentro do veículo. Terminaria assim o último capítulo da vida deste ex-menino de rua e ex-sobrevivente da chacina da candelária.

Foi a polícia que matou os colegas do Sandro na Candelária, e a polícia completou o trabalho, é como se as duas pontas da história se fechassem. Cabe à polícia o trabalho sujo que a sociedade não quer ver mas que em algum lugar obscuro do seu espírito deseja que se realize, que se anulem os “sandros”, que eles desapareçam das nossas vistas, nós não queremos ver essa realidade porque não podemos suportá-la. Então a invisibilidade é afinal reconquistada pela produção policial da invisibilidade, da anulação que a morte gera. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

¹⁵ Disponível em <http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&newsID=a2263547.htm>

A morte de Sandro do Nascimento foi bastante debatida nos principais canais de TV e jornais da época. A atitude da polícia, tanto no erro fatal atingir a refém quanto no fato de Sandro ter sido assassinado pelos policiais após ser rendido. Como conseqüências disso, os três policiais que estavam diretamente envolvidos com a morte de Sandro foram absolvidos. A tese alegada pelo advogado de defesa é que “se os policiais fossem indiciados só os marginais iriam aplaudir e que Sandro do Nascimento sufocou-se sozinho”¹⁶.

Algumas das pessoas que foram mantidas reféns dentro do ônibus 174 durante mais de 4 horas na tarde do dia 12 de junho de 2000 fazem no trecho seguinte algumas considerações a respeito do seqüestrador:

A polícia simplesmente matou ele sufocado. Eu acho que de uma certa maneira eu consegui perdoar o Sandro, mas é fácil dizer isso hoje porque ele não está aqui. (...)Acima ou antes de ser policial o cara é um ser humano que podia estar ali assistindo. Então ele contém todos os sentimentos de ódio e de raiva que também está contido nas outras pessoas impotentes, só que ele é potente. (...) Eu consigo perdoar ele pelo que ele fez conosco, mas por ter atirado na Geísa não. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

A história de vida de Sandro é parte importante deste estudo uma vez que serve de exemplo para mostrar um dos temas recorrentes do jornalismo, a marginalidade. O contexto social vivido pelo protagonista do seqüestro do Ônibus 174 é ainda o mesmo no qual vivem inúmeros menores abandonados ainda hoje, tal como foi dito anteriormente, esses meninos invisíveis fazem parte da nossa realidade uma das funções do jornalista é o compromisso com a verdade, mesmo que essa seja feia. O objetivo aqui é não só criticar a conduta da mídia diante de situações limite como no caso de Sandro, mas também despertar o leitor para os problemas vividos pela sociedade atualmente.

¹⁶ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u64506.shtml>

O capítulo seguinte fala especificamente da atuação da mídia durante todo o seqüestro do ônibus 174, uma vez descrito o cenário e os resultados desta tragédia, cabe agora aprofundar no tema central do estudo através da descrição e análise da atitude dos repórteres diante deste fato na época dos acontecimentos.

5 A ESPETACULARIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA

O caso de ônibus 174 aconteceu à luz do dia em um dos mais famosos bairros cariocas, o Jardim Botânico. O veículo foi cercado pelas viaturas policiais por volta das duas da tarde, de imediato a mídia se instalou no local e desde então passou a transmitir ao vivo o seqüestro para todo o Brasil.

Logo no início, o bandido pede que os repórteres e fotógrafos saiam dali, ele chega até a atirar contra o vidro da frente do ônibus com a intenção de espantar a imprensa. Posteriormente, Sandro do Nascimento passa a perceber que a presença de câmeras mostrando o seu rosto possam ser uma espécie de escudo de proteção, neste momento começa o teatro. Sandro, tenta negociar sua vida ao manter reféns dentro do ônibus, descontrolado, ele pede que as pessoas mantidas sob a mira do seu revólver calibre 38 demonstrem medo e desespero.

Foram inúmeras as vezes em que o protagonista do seqüestro falou diretamente para as câmeras de TV, enviando seu recado aos telespectadores com a cabeça ao lado de fora das janelas do 174. Da mesma forma foram várias as chances de a polícia ter dado um tiro certo no bandido. Na fala da refém Janaína Lopes Neves é possível afirmar que a presença da mídia servia para o seqüestrador não só de barreira de proteção, mas também um palco:

Eu tive a sensação de que o mundo estaria vendo aquilo, a televisão permitiu que ele se sentisse poderoso na medida que ele sabia que estava sendo filmado, e queria ser filmado. O prolongamento daquela situação também servia como um espaço de significar alguma coisa pra alguém, era como se ele estivesse mostrando que ele tinha poder, que ele existia, e isso era uma coisa tão fundamental pra ele quanto resolver a situação e sair dali vivo. Então nesse sentido as câmeras de televisão importavam pra ele. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

Membros da polícia também observaram que no decorrer das negociações Sandro estava se utilizando do aparato midiático para prolongar ao máximo sua permanência dentro do ônibus. “A mídia é algo que traz confiança ao seqüestrador, é para ele a certeza de que não vai ser executado.” (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002). Ao criar uma espécie de encenação para as câmeras, Sandro se torna o centro das atenções, embora soubesse que no final o maior prejudicado seria ele, aquele seria o seu momento de glória, é como se ali, pela primeira vez ele estivesse se sentindo valorizado, mesmo que de maneira extremamente negativa. Nesse sentido, o seqüestrador passa a manipular a mídia a seu favor, cinegrafistas, repórteres e fotógrafos buscavam a todo momento o melhor ângulo, uma fala, pequena que fosse, do bandido.

Ali o Sandro nos despertou a todos nós em todas as salas de visita, ele impôs a sua visibilidade, era o personagem de uma outra narrativa. O Sandro redefiniu de alguma maneira o relato social, que dava a ele sempre a posição subalterna, este relato de repente é convertido a uma narrativa na qual ele é o protagonista. Esse menino com essa arma pode produzir em nós o medo, que é um sentimento negativo, mas é um sentimento através do qual ele recupera a visibilidade, reconquista a presença, reafirma a sua existência social e humana. Há um processo aí de autoconstituição que se dá pela mediação da violência, da arma, de um modo perverso. É uma espécie de pacto fálstico em que o menino troca o seu futuro, sua vida, sua alma por esse momento efêmero fulgaz de glória; a pequena glória de ser reconhecido, de ter algum valor e poder prezar sua auto estima. Esse é o momento crucial da nossa problemática, se nós não compreendermos a profundidade desse momento, não saberemos como agir. (PADILHA. *Ônibus 174*, 2002)

Em seu artigo publicado no livro *Mídia e Violência* (1993), o estudioso francês Henri Pierre Jeudy(1993) discorre sobre o conceito de *voyeurismo*¹⁷ coletivo.

¹⁷ *Voyeurismo* envolve o ato de observar indivíduos, geralmente estranhos, sem suspeitar que estão sendo observados.

Para ele a mídia provoca uma desrealização do real na medida em que o seu funcionamento se baseia em uma espécie de fascinação perpétua.

O princípio da mídia é construir um efeito de fascinação e ao mesmo tempo reproduzir um efeito de contaminação das imagens em nível infinito. É o ritmo entre fascinação e contaminação que caracteriza o poder dos mass media na atualidade. (JEUDY, 1993, p. 67)

Ao tomar como referência o caso do ônibus 174 o que pode ser percebido é que ali, o jogo entre mídia, telespectadores, e seqüestrador se tornou uma espécie de círculo ininterrupto de imagens acerca do mesmo fato. Da mesma maneira, no caso de Eloá Pimentel, o que aparecia continuamente nos telejornais eram o rosto da adolescente na janela e a expressão de satisfação de Lindemberg Alves ao se tornar o centro das atenções. No caso de Isabella Nardoni, também citado neste trabalho, apesar de não ser um evento de cobertura ao vivo como os outros, o que houve foi uma grande especulação por parte da imprensa sobre os possíveis culpados do assassinato da menina. Durante semanas o tema principal nos meios de comunicação era o andamento das investigações do crime, o que de certa maneira, influenciou a opinião pública na condenação do pai e da madrasta de Isabella.

Ao comparar os casos de Lindemberg Alves e Sandro do Nascimento, já que ambos tiveram cobertura ao vivo, ficam claras as diferenças de motivação dos criminosos para cometerem o seqüestro, entretanto, pode-se constatar que entre os pontos de concordância nesses dois crimes estão as sucessivas falhas da polícia durante as negociações, que resultaram na morte de reféns, e a intensa cobertura da mídia. A pergunta que fica é o que leva um veículo de comunicação a ocupar horas de sua programação com imagens repetitivas de um mesmo acontecimento, se não há nada novo sobre o tema abordado, porque noticiá-lo incessantemente? A impressão que se tem é que violência significa audiência.

Esse voyeurismo coletivo faz com que a própria violência se torne uma espécie de espetáculo contínuo, ininterrupto. O ponto culminante desse processo de televisualização perpétua é a ideia de que a morte, talvez, possa ser feita “ao vivo”, em tempo real. Por isso também podemos dizer que a mídia tem, na sociedade moderna, o poder sacrificial, ou a capacidade de legitimá-lo. A derradeira forma de poder sacrificial é hoje, na modernidade, captada pela própria mídia. (JEUDY,1993, p. 67)

De acordo com as autoras Silvia Ramos e Anabela Paiva(1993), *não se pode dizer que a mídia brasileira exagera, mas que exagerados são os nossos índices de violência*. De fato, a taxa de violência letal do Brasil é uma das mais altas do mundo, de acordo com dados do sistema de saúde, chegam a acontecer uma média de 27 mil homicídios por 100 mil habitantes, enquanto na Europa Ocidental essa média cai para dois ou três homicídios. Entretanto cabe questionar se a qualidade da cobertura jornalística de eventos de tal natureza está diretamente ligada ao elevado índice. Em um artigo do sociólogo Carlos Beato (2007), intitulado *A Mídia Define as Prioridades da Segurança Pública*, são levantadas as questões que interferem na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. O seguinte trecho do artigo aponta uma das razões de deficiência nesse tipo de cobertura:

Ao contrário de temas como política, economia, educação, cultura ou ciência, esta é uma área em que as redações não contam com muitos jornalistas especializados. Mesmo quando existem, raramente são qualificados para compreender o fenômeno da segurança e da violência em todas as suas nuances. Lugares comuns e chavões passam a servir como base de interpretação de fenômenos complexos e heterogêneos, reforçando ainda mais os inúmeros estereótipos existentes.(BEATO,Carlos, 2007)

Deve-se ter em mente que o profissional de jornalismo é tão passível de erros quanto qualquer outro ser humano, principalmente quando se trata de situações de crise tais como as citadas ao longo deste estudo. Mas o que pode ser constatado é que erros recorrentes tem acontecido nas coberturas ao vivo. A atitude dos comunicadores

interfere no andamento das negociações a tal ponto que o bandido toma o lugar de fonte e passa a dar entrevistas, como fez Lindemberg Alves enquanto mantinha a adolescente Eloá presa no apartamento em Santo André. Sobre essa questão o seguinte trecho do livro *Mídia e Violência* (2007) esclarece:

Tentar compreender os valores e os objetivos de um criminoso é uma meta válida para a imprensa. Não faz sentido estabelecer zonas proibidas na realidade. Autores de crimes são protagonistas de fatos que interessam à sociedade e, portanto, podem e devem ser ouvidos- desde que de forma cuidadosa, sem ingenuidade ou impulsividade. Como diz Zuenir Ventura: “Acho que se pode dar a palavra a um bandido, desde que se tome cuidado para não transformá-lo em ‘vítima da sociedade’, celebridade, herói ou bandido social.” (RAMOS, PAIVA, 2007, p. 58)

No caso de Sandro do Nascimento, o desenrolar dos fatos naquela tarde de junho desencadeou uma espécie de encenação no Jardim Botânico. A mídia ali funcionou como microfone, e o ator principal era o seqüestrador. Ao se ver como centro de todos os olhares, potencializados pelas câmeras, Sandro se sentiu poderoso e protegido, nesse sentido a presença dos repórteres registrando cada detalhe do seu comportamento serviu para prolongar o seqüestro. Juntando todos esses elementos tem-se como resultado um espetáculo de atuações, não só de Sandro, mas também das vítimas, uma das moças chegou a simular, a mando do bandido, a própria morte.

Para Jeudy a mídia deixou de ser algo dependente da opinião dos telespectadores e donos de veículos de comunicação, segundo o estudioso, ela tem autonomia suficiente e não representa mais o espelho da sociedade:

É um processo tal que se existem distâncias elas só vem depois. Não existem no tempo presente. Isso significa que no processo de mediatização temos a impressão de que lá está o espelho da sociedade. Mas isso não é verdade. A mídia tem autonomia total. Ela não é mais o reflexo; ela é alucinação do real. Por exemplo, quando os jornalistas- dizem: “Estamos aqui atendendo a pedidos do público” ... isso não significa nada, as pessoas não pedem coisa

alguma! Alucinam-se as pessoas, é totalmente diferente. (JEUDY, 1993, p. 76)

Ao se deparar com um homem que mantém dez pessoas presas dentro de um ônibus o jornalista deve reconhecer ali uma notícia em potencial, o seu dever é informar ao público o que está ocorrendo. Mas daí a transformar os acontecimentos em *reality show* é um exagero, ao fazer flashes ao vivo a cada hora e dedicar a maior parte dos minutos dos telejornais diários a um mesmo assunto tem-se a impressão de que a mídia quer reforçar a idéia de que o bandido deve ser o próximo a ser eliminado neste *Big Brother* as avessas. Voltando ao 174, Sandro do Nascimento se tornou protagonista não só do seqüestro no Rio de Janeiro, sua história se tornou um espetáculo de fato. *Última Parada 174*(2008) e *Ônibus 174* (2004) são os títulos de dois longa metragens cujo enredo é a vida de Sandro.

O primeiro é uma obra de ficção que narra os últimos momentos da vida de um menino de rua que, ao tentar assaltar um ônibus, se vê cercado pela polícia. O pano de fundo dessa narrativa é a busca de uma senhora por um filho. Essa personagem vê em Sandro, nome do protagonista da história, o objeto de seu desejo, estabelece-se portanto uma forte ligação entre os dois.

Já *Ônibus 174* é um documentário lançado em 2002 que reúne entrevistas com os principais envolvidos e com pessoas que conviveram com Sandro do Nascimento pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro, grande parte desta monografia se baseou nas imagens e falas exibidas no filme. José Padilha, diretor do documentário, levou para as telas do cinema cenas reais do seqüestro obtidas através de câmeras da imprensa que acompanhou o seqüestro ao vivo.

Apesar de esse estudo ter como foco as atitudes da mídia com relação à cobertura de violência, sobretudo quando se trata de eventos ao vivo, ao longo do terceiro capítulo foram levantadas questões de cunho sociológico devido à trajetória

vivida por Sandro do Nascimento, personagem central dessa monografia. Portanto, cabe aqui fazer um parêntese a respeito da escolha que se faz ao publicar certos tipos de crime em detrimento a outros.

Sandro do Nascimento representa uma parcela excluída da sociedade, ao privar 10 pessoas de sua liberdade mantendo-as presas dentro de um ônibus, o ex menino de rua conseguiu chamar a atenção para si, enfim ser observado, mesmo que fosse de maneira negativa.

Em um artigo intitulado *Quem Construiu esse Muro* o jornalista Caco Barcelos escreve sobre a cobertura que se faz hoje em dia sobre violência, segundo ele, criminosos de baixa renda tem tratamento diferente dos ricos:

Hoje, a violência passou a atingir também a classe média e os ricos e o crime desperta maior interesse nas redações. Mas a cobertura ainda é feita, de um modo geral, de forma precária. Os profissionais dessa área ainda parecem ser menos preparados do que os de outras editorias. Em geral não são especialistas e carregam um ranço complicado, uma postura de delegado de polícia, de juiz. O jornalista parece achar que tem de julgar, condenar, e, sobretudo atacar os criminosos. Especialmente os de baixa renda. É claro que os jornais conseguem fazer coberturas maravilhosas quando consideram o assunto importante. Mas mantêm uma postura arrogante em relação aos fracos. Os poderosos costumam receber um tratamento correto. A imprensa ouve o seu advogado; dá as suas explicações sobre o crime - dá-lhe, chance de defesa. Mas não segue a mesma rotina quando os criminosos são de baixa renda. Esses, de cara, viram bandido. Não são descritos como um operário acusado de ter cometido um crime ou um electricista acusado de ter matado a mulher - são imediatamente taxados de ladrão ou assassinos. Também não se protege a imagem dos acusados, como muitas vezes se faz com os ricos. (BARCELOS,2007)

Exemplo disso é o assassinato de Sandro do Nascimento após ser rendido pela polícia, a pressa em condená-lo era maior do que tudo. Nas cenas do documentário que mostram o momento em que Sandro é rendido, percebe-se que não há uma preocupação em manter a integridade física do seqüestrador. Não devemos ser ingênuos

em acreditar na imparcialidade do jornalismo, mas o que pode ser observado nesta cena é que os repórteres que ali estavam, pelo menos naquele momento, pareciam estar completamente tomados pela emoção e pelo desejo de vingança. Sem fazer generalizações, muitos dos que aparecem no filme somavam-se à multidão que gritava para os policiais matarem o seqüestrador.

Em momentos de emoção muitas vezes jornalistas preferem espelhar o sentimento da população a aprofundar o debate. O resultado, muitas vezes, contribui mais para reforçar noções pré-concebidas do que para esclarecer o leitor. (RAMOS, PAIVA, 2007, p. 70)

Fechando essa discussão sociológica a respeito da diferença do tratamento dado pela mídia entre criminosos ricos e os de baixa renda, fica aqui uma reflexão a respeito do que é ouvido em sala de aula e o que é visto na prática. Nos ambientes universitários aprende-se que embora imparcialidade e objetividade do no jornalismo sejam um mito, deve-se tê-los como meta. E que em qualquer lugar onde a comunicação está presente, o jornalista também deve estar lá. Pode soar como idealismo ou ingenuidade, mas fazer com que as informações cheguem e partam de todo o tipo de público só será possível quando as barreiras de preconceito e visão estreita de mundo forem rompidas.

Temos de refletir sobre esse medo, O que nasceu primeiro? Esse muro virtual existe porque eles construíram ou fomos nós que o construímos? Acho que fomos nós. Tenho certeza de que não estou exagerando. Nós temos uma imprensa maravilhosa, capaz de produzir textos de alta qualidade, brilhantes, mas que na cobertura do universo da minoria não tem a mesma eficácia, o mesmo brilho. É impossível cobrir direito um universo se você não o frequenta. É preciso estar perto das pessoas. Não bastam a internet, as fontes de pesquisa. Estas são fundamentais, mas são acessórios. O jornalista tem de estar perto das pessoas. (BARCELOS, Caco, 2007)

Para concluir esse capítulo voltaremos ao conceito de espetáculo para enfim chegar ao foco desta monografia. De acordo com o dicionário Aurélio “espetáculo é

tudo o que chama a atenção, atrai e prende o olhar, é uma representação teatral, exibição de cinema, televisão etc, ou qualquer demonstração pública de canto ou dança.” Nesse sentido, o que pôde ser observado nos exemplos de casos de violência que foram objetos de estudo ao longo dessas páginas é que muito do que foi divulgado na imprensa a respeito de Isabella Nardoni, Eloá Pimentel e do Ônibus 174 mais pareciam manchetes que serviam apenas para chamar a atenção do público.

O termo espetacularização adotado aqui faz referência à forma como as informações sobre violência estão sendo divulgadas pela mídia na atualidade. Será que todas as etapas da produção de uma notícia estão sendo respeitadas? E se estão, será que os jornalistas envolvidos neste processo estão conscientes da responsabilidade moral ao divulgar detalhes que interferem diretamente no resultado de seqüestros e condenações?

Sendo assim mais este capítulo é concluído deixando as demais reflexões para as considerações finais.

6 CONCLUSÃO

Ao longo deste estudo foram apresentados diferentes casos que geraram polêmica Brasil nos últimos anos. Ao pesquisar o comportamento da mídia em situações de crise que envolvam violência foi possível notar um certo despreparo por parte dos repórteres para lidar com eventos desse tipo. A escassez de profissionais treinados para atuar nessa área é um problema notável, além disso através desta monografia foi possível constatar outros problemas da mídia ao tentar abarcar todos os detalhes de um ato de violência e divulgá-los ao público sob a forma de notícias.

Ao entrevistar o Lindemberg Alves enquanto ele mantinha Eloá Pimentel refém, por exemplo, os repórteres não só prejudicaram o andamento das negociações entre a polícia e o seqüestrador, mas também lidaram com o caso de maneira leviana, como se sozinhos pudessem assumir o controle da situação e resolver o problema. Além disso pode-se dizer que houve um tratamento do caso semelhante ao que se dá aos *reality shows* na atualidade. A todo momento os telespectadores ligavam a TV na esperança de poder dar uma espiadinha no que estava ocorrendo no apartamento em Santo André. E na medida que a mídia mostrava flashes ao vivo quase que o tempo todo, transformou o seqüestro em uma espécie de espetáculo, mini-série em capítulos, *reality show* às avessas.

As emissoras de TV tem obrigação de noticiar fatos que são de interesse público, mas deve-se ter em mente que jornalistas são formadores de opinião. Ao dedicar a maior parte dos minutos da programação com imagens repetitivas sobre um mesmo assunto, sem que haja algo novo e sem o aprofundamento das informações, o fato perde o status de notícia mas não chega a ser uma reportagem, ou uma matéria mais

completa, passa a ser um show de imagens que servem para chamar a atenção e aumentar a audiência.

Essa monografia permitiu também uma análise maior a respeito do tratamento que a mídia dá em relação à classe social do criminoso. De acordo com as obras lidas e com a observação dos telejornais diários, é possível concluir que os bandidos de classe baixa tem a sua identidade mais explorada, ao contrário dos criminosos das classes mais altas da sociedade. A história de Sandro do Nascimento é um exemplo disso, durante as quase cinco horas de duração do seqüestro do ônibus 174, pouco se pesquisou sobre quem era o seqüestrador, o objetivo era mostrar o seu rosto coberto pelo tecido escuro, tal qual a cor da sua pele. Nesse sentido, a mídia auxiliou na condenação do bandido na medida em que valorizava a imagem de Sandro como criminoso, reforçando a idéia de que o bandido deveria pagar ali mesmo pelo crime.

Retomando o foco da pesquisa, enquanto a espetacularização, nos casos do Ônibus 174 e da adolescente Eloá Pimentel aconteceu ao vivo, no caso da menina Isabella nardoni o que houve foi uma espécie de dramatização após o ocorrido. Como a autoria do crime não havia sido totalmente esclarecida, mas ao mesmo tempo era um assunto de interesse por todo o Brasil, a estratégia da mídia foi especular sobre a questão divulgando os detalhes da perícia e realizando entrevistas tanto com os possíveis criminosos quanto com a mãe da menina.

As entrevistas com a mãe, o pai e a madrasta de Isabella concedidas ao programa Fantástico, programa de TV da emissora Globo descritas no segundo capítulo são um exemplo do que aqui se chama de espetacularização. O ponto alto era quando a câmera focava a dor da mãe através da imagem das lágrimas escorrendo em seu rosto. O cenário e o jogo de luz, câmeras e som parecia ser montado para despertar as emoções do telespectador, como se faz em uma peça de teatro ou no cinema. É claro que todos

esses recursos são componentes da matéria jornalística em TV, mas o que se pretende aqui demonstrar o exagero da mídia para manter os telespectadores naquele canal.

Ao analisar a mídia com olhos mais críticos, foi possível observar que, embora os veículos de comunicação necessitem da lógica do mercado para sobreviver, a contaminação do jornalismo por esse tipo de ideologia tem como resultado a manutenção de estereótipos e a transmissão de tragédias em tempo real cujo objetivo, talvez seja, a busca por mais e mais audiência.

Para concluir fica uma reflexão sobre a responsabilidade da imprensa ao divulgar atos de violência. Deve-se ter em mente o respeito às vítimas, e saber diferenciar o que é de interesse público do que é de interesse público.

7 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marcelo de Araújo. **Violência e Sensacionalismo na Televisão Brasileira**: um estudo do linha direta, 2007. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

BEATO, Carlos. **A Mídia Define as Prioridades da Segurança Pública**. In: SEMINÁRIO DE MÍDIA E VIOLÊNCIA URBANA. **Mídia e Violência Urbana**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007, p. 33.

BELTRÃO, Luiz. **A Imprensa Informativa**: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário. São Paulo: Editor Folco Masucci, 1969.

BENEVIDES, Maria Victoria. **Violência, Povo e Polícia: violência urbana no noticiário de imprensa**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

BARRETO, Bruno. **Última Parada- 174**. Brasil: Paramount Pictures / Globo Filmes, 2008. 1 DVD

IORIO, Vitor. **Violência Invisível**. **Lumina**: revista da Faculdade de Comunicação da UFJF. Ed. UFJF, V.2 n.2. 135-142, jan./jun. 1999

JEUDY, Henri Pierre. Pesquisador dos Processos Mediáticos. In: SEMINÁRIO DE MÍDIA E VIOLÊNCIA URBANA. **Mídia e Violência Urbana**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1994, p. 67.

MICHAUD, Yves. **A Violência**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

OLIVEIRA, Marcele Pena de. **Pimenta nos Olhos dos Outros**: estudo sobre o tema da violência no jornalismo brasileiro, 2001. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2001.

RAMOS, Sílvia. **Mídia e Violência Urbana**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 1994.

RAMOS, Sílvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e Violência**: novas tendências na cobertura, na criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: Ed IUPERJ, 2007.

SODRÉ, Muniz. **O Social Irrradiado**: violência urbana, neogrotesco e mídia. São Paulo: Editora Cortez, 1992.

_____. **A Chacina das Crianças da Candelária**, 1993. Disponível em <http://veja.abril.com.br/idade/em_dia_2001/reportagens/reportagem_candelaria.html>. Acessado em: 20/08/09

_____. **Horror em Tempo Real**, 2008. Disponível em <<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&newsID=a2263547.htm>>. Acesso em: 14/09/09

____. **Tragédia de Incompetência**, 2008. Disponível em
<http://veja.abril.com.br/221008/p_076.shtml>. Acessado em: 14/08/09

PADILHA, José. **Ônibus 174**. Brasil: Paris Filme / Riofilme, 2002. 1 DVD